

Trimestral
Genebra
Suíça
Ano V
Dezembro
2005

Bilingue

Distribuição gratuita

n°20

Pessoas

encontros culturais

Rogério Carolino Feitor

Análises

Comentários

Contos

Crónicas

Entrevistas

Eventos

Galeria

Opiniões

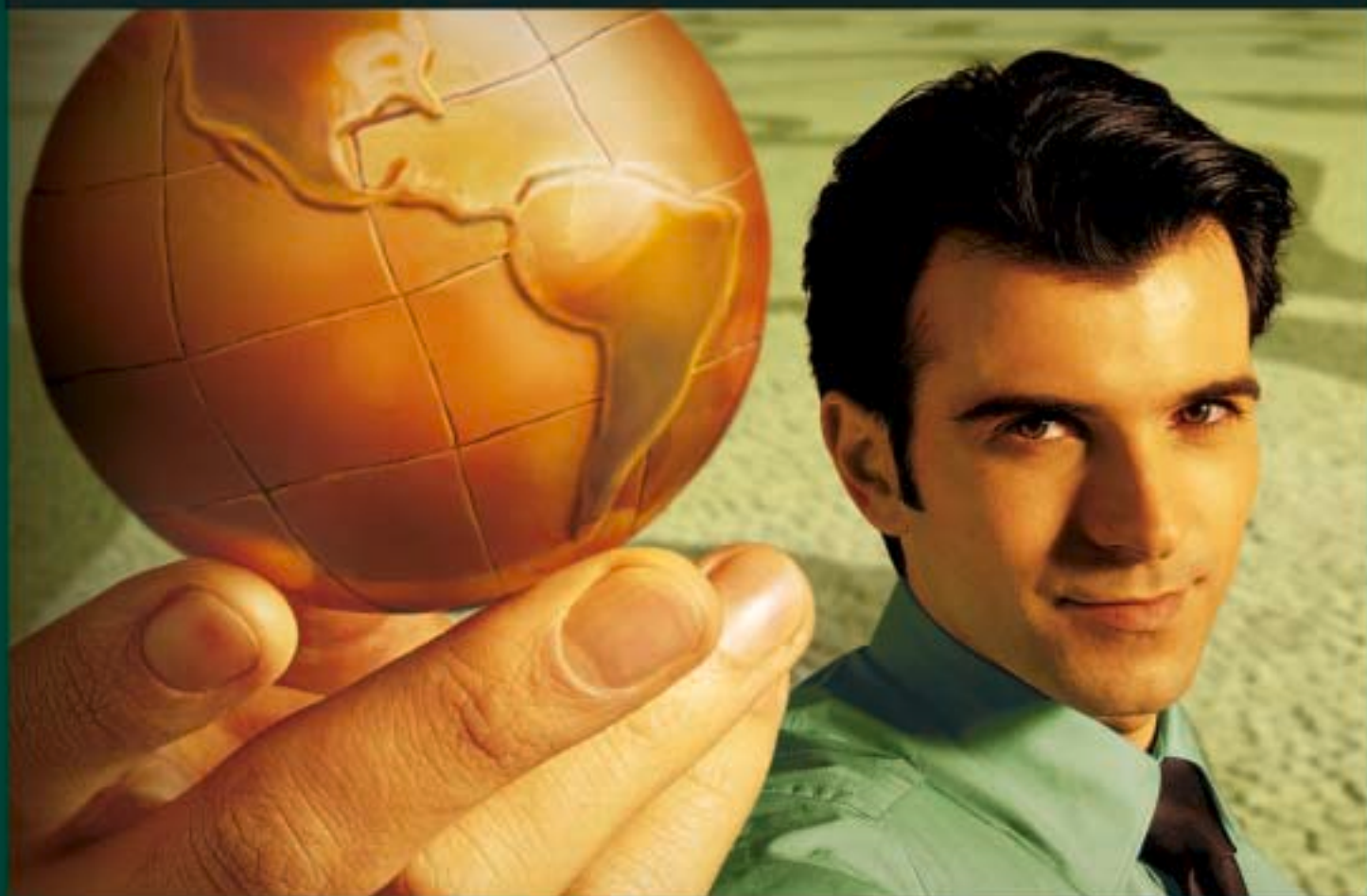
Poesia

Roteiros



Engenheiro no CERN

Em todo o caso, é melhor falar com quem sabe.



Está a par de todas as novidades da banca?

**Não hesite.
Contacte-nos !**

Av. de Montchoisi, 15
1006 Lausanne

Tél. 021/ 614 00 14
Câmbio 021/ 614 00 16
E-mail : emigr@bes.ch

BES Directo:

Atendimento personalizado
24 horas por dia
0080 002 473 650

Banca Electrónica : www.bes.pt

Todos os portugueses que vivem no estrangeiro têm uma segurança exclusiva: podem contar com o total apoio do Banco Espírito Santo. O banco que sabe quais são as suas necessidades e prioridades. E que sabe que o mais importante é estar onde você precisa.



BANCO ESPIRITO SANTO

Quem sabe, sabe e o BES sabe

Propriedade

L.C.

Director

António Pinheiro

Edição

A.P.I.C.

Chefe de Redacção

Luz Neto

Redactores permanentes

António Louçã
Benjamin Ferreira
Catarina Reis
Octávio Xisto
Paulo Morgado
P. Bártolo
Raquel Ferrari
Rosa Adanjo
Teresa Lopes

Colaboraram neste número

Ana Gregório
Casimiro Oliveira
Gabriela Silva
Giuseppe Patanè
Luís Florêncio
Lurdes Trindade
Mafalda Oleiro
Miguel Neves Passarinho
Rose-Mary Magnin

Grafismo e Paginação

Eduardo Pinho

Fotografia

António Pinheiro
Armando Couto

Publicidade

Gabriel Bettencourt

Pessoas magazine

CP 1877

1211 Genève 1

Bd. James Fazy 18
1201 Genève Suisse
Tel +41 22 738 85 25

Fax +41 22 738 88 37

peassoasmagazine@bluewin.ch

Periodicidade trimestral

Assinatura

20 frs / ano – Suíça

40 frs / ano – Europa

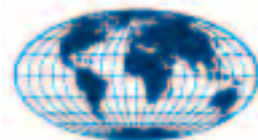
Tiragem deste número

5.000 exemplares

Distribuição gratuita

Leia a **Pessoas** na internet
www.espacoportugues.ch

4-5	Editorial
6	Conhecer e saber
7	Idade da reforma
8	Tradições de Natal
9	Observatório de Genebra
11	Portugal no coração
12	Bocage Poeta da liberdade
14	Vercingétorix était glabre
18	Fernão Mendes Pinto
21	Galeria – A arte da Terra
22	Reembolso do 2º pilar
23	Doenças
24	Entrevista – Rogério Carolino Feitor
36	A Severa
37	Natal de coisas muitas
38	Via Láctea
40	Será bom ter opinião
42	Roteiros – Bern
45	Brigada Ligeira
46	Endereços úteis



Cette revue, je ne sais pas si vous l'avez remarqué est le vingtième numéro de PESSOAS – rencontres culturelles. Vingt revues qui, trimestriellement, cherchent à vous tenir compagnie. Ce sont déjà cinq ans de rencontres culturelles entre PESSOAS et ses lecteurs.

Faire cette revue n'est possible que grâce aux collaborateurs, aux annonceurs et bien sûr aux lecteurs qui affectionnent et motivent chaque fois plus PESSOAS. À vous tous un grand merci!

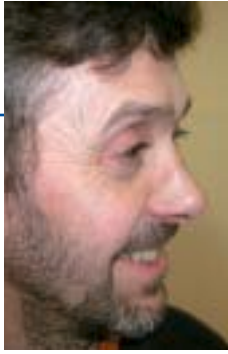
Si le choix entre cinq candidats à la présidence de la République élargit l'horizon de l'analyse et le pouvoir de comparaison, il engendre aussi les indécisions et le désintéret, car messages et appels arrivant à doses massives, ne sont pas calmement assimilés. On crispe parfois les relations sociales et familiales pour défendre idéologiquement les différents candidats, mais qu'ils soient cinq, vingt ou trente et un, l'objectif final sera-t-il de les considérer eux, candidats, ou de considérer le Portugal?

S'ils se proposent de faire le meilleur pour le pays – ne doutons pas des bonnes intentions – laissons de côté les lutes partisans et exerçons consciencieusement le devoir civique qui est de voter sans folklore, ni clameurs, ni chauvinisme. Nous savons tous que celui qui promet avec facilité tient parole avec difficulté. Par conséquent...

L'année 2005 fut dédiée à Einstein. Celui-ci et l'ami Bertrand Russel étaient adeptes du développement de la science et de l'investigation à des fins pacifiques. Contribuer à la paix mondiale devrait être un des objectifs de tous les scientifiques, parce que selon B. Russel: «Tandis que les scientifiques s'efforcent pour faire de l'impossible du possible, les politiciens arrivent à faire du possible, l'impossible». Et nous, allons-nous continuer à nous embarquer dans ces démagogues?

La crise économique déprime davantage au temps de Noël. Beaucoup de rêves restent dans les tiroirs en attendant de meilleures opportunités. Mais de rêves, de projets et d'espoirs se construit notre quotidien. Pour cela, en cette année 2006 qui vient de commencer, PESSOAS – rencontres culturelles – souhaite que vous réalisiez pleinement vos objectifs.

Joyeuses Fêtes et
Bonne Année 2006



editorial

António Pinheiro

Esta revista, não sei se reparou, é o vigésimo número da PESSOAS – encontros culturais.

Vinte revistas que, trimestralmente, procuraram fazer-lhe companhia. São já cinco anos de encontros culturais entre a PESSOAS e os leitores.

Fazer esta revista só é possível graças aos colaboradores, aos anunciantes e sem dúvida aos leitores que acarinham e incentivam cada vez mais a PESSOAS. Para todos vós o nosso muito obrigado.

Se a escolha entre cinco candidatos á Presidência da República alarga o horizonte de análise e o poder de comparação, também gera indecisões e desinteresse porque as mensagens e apelos, chegando em doses maciças, não são calmamente intuídas. Crispam-se, às vezes, relações sociais e familiares por ideologicamente, se defender candidatos diferentes. Mas sejam cinco vinte ou trinta e um o objectivo supremo será contemplá-los a eles, candidatos, ou contemplar Portugal?

Se se propõem fazer o melhor pelo país - não duvidamos de boas intenções - deixemos de lado as “partidarites” e, conscienciosamente, exerçamos o dever cívico de votar sem folclóricos alaridos e arruaças patrioteiras. Todos sabemos que quem promete com facilidade, cumpre com dificuldade. Por isso...

O ano 2005 foi dedicado a Einstein. Este o amigo Bertrand Russel, eram adeptos do desenvolvimento da ciência e da investigação para fins pacíficos. Contribuir para a paz mundial, devia ser um dos objectivos dos cientistas, porque, e segundo B. Russel: enquanto os cientistas se esforçam para tornar o impossível possível, os políticos conseguem fazer o possível impossível.

E nós vamos continuar a embarcar em demagogias?

A crise económica torna mais deprimente o tempo de Natal. Muitos sonhos ficam na gaveta aguardando melhores oportunidades.

Mas de sonhos, de projectos e de esperanças se constrói o dia-a-dia de todos nós.

Por isso, neste ano 2006 que acaba de chegar para si, a PESSOAS – encontros culturais, deseja que consiga plenamente, alcançar os seus objectivos.

Festas Felizes e
Bom Ano 2006

Conhecer e saber

Em Novembro, a Organização das Nações Unidas, realizou a segunda sessão da Cimeira Mundial da Sociedade da Informação. Fê-lo na cidade de Tunis, por razões que só a ela lhe dizem respeito, apesar de fundadas críticas ao Governo tunisino, devido à ausência de liberdade de expressão e à repressão exercida sobre os opositores ao regime do país.

Falar de Informação implica falar da existência das novas tecnologias, as quais põem a informação ao alcance de cada um, se para tanto houver vontade política para o fazer e equipamentos tecnológicos que o permitam. Na Cimeira de Tunis não faltaram os equipamentos tecnológicos da mais avançada inovação e as propostas mais ousadas, para levar a informação a todos os recantos do planeta. Cita-se, a título de exemplo, um pequeno computador que vai ser colocado no mercado pelo preço aproximado de 100 euros e cuja energia será fornecida através de uma manivela, manipulada pelo próprio utente! Voltamos à lousa da nossa escola primária, contemporânea da mais sofisticada base de dados.

Mas mais importante do que a tecnologia são as pessoas que dela se servem e os conteúdos que lhe dão forma. Por isso mesmo, se o saber e o conhecer são os maiores e os mais caros dos produtos de mercado, eles serão, igualmente, um pilar indispensável à estruturação e reforço das sociedades contemporâneas. A emergência da sociedade do conhecimento exige novas formas de ver e de analisar o mundo que nos

rodeia e novos paradigmas de governação. Isto implicará novos modelos e novas propostas nas relações Governo/cidadãos, dando-se uma outra visão e uma outra eficácia ao contacto e à participação dos cidadãos na vida social, cultural, educativa, académica, económica e política do país.

Face a esta nova realidade, a este novo modelo de saber e de aprender, não será que a escola, por exemplo, se afunda numa crise de identidade cada vez maior e os professores se refugiam em metodologias de trabalho e de organização, dignas da revolução industrial? Não será mais oportuno que a “revolução do conhecimento” acabe com privilégios excessivos, com organizações de trabalho de outros tempos e deixe de dar ouvidos a lamúrias de outras épocas?

O início de um novo ano é, sempre, uma altura oportuna para oportunas decisões. Aqui fica uma para todos aqueles que desejam mudar a vida, aceitando e integrando o que é inevitável: a sociedade reconhecidamente analógica do passado, a sociedade da lousa e do professor em cima do estrado, vai dar o lugar a uma sociedade, definitivamente, digital. Por outras palavras: num passado recente, a informação e o conhecimento ficavam ao alcance de uma minoria esclarecida que os transmitia em intermináveis horas de curso e de exames. Num futuro já presente, a informação e o conhecimento serão produtos ao alcance de quase todos, se partilhados com bom senso e transmitidos com sabedoria.

IDADE DA REFORMA: ABSURDOS DE UMA POLÍTICA

Há cada vez menos jovens a descontar para cada vez mais velhos, cada vez menos activos para cada vez mais pensionistas. Aumenta a longevidade e reduz-se a natalidade. Se morremos mais tarde, temos de trabalhar mais tempo. Se não nos reformarmos mais tarde, a segurança social vai à falência. Parece lógico e vários governos europeus não se cansam de repeti-lo.

Mas a algazarra propagandística à volta deste tema esquece uma coisa mais importante do que a lógica de aparência inatacável: os factos. O facto mais contundente de todos é que a produtividade do trabalho aumenta muito mais depressa do que a esperança de vida. Nos próximos anos vai continuar a ganhar cada vez mais avanço. Quando chega aos 40 anos, cada trabalhador nosso contemporâneo já produziu muito mais riqueza do que seu pai ou avô tinham produzido aos 60.

Se tomamos em conta este facto indesmentível, a lógica passa a ser outra: os salários-hora deveriam aumentar na mesma proporção e, ao

ganharmos muito melhor, passaríamos a descontar muito mais para a segurança social. Se os ganhos de produtividade fossem repartidos igualmente pelo capital e pelo trabalho, ninguém precisaria de preocupar-se com a sustentabilidade da segurança social: ela estaria hoje muito mais garantida do que há vinte ou trinta anos e estaria amanhã muito mais garantida do que hoje. Não só a reforma poderia ser antecipada, como a jornada de trabalho poderia ser reduzida e o tempo de férias poderia ser dilatado.

Porquê então andar a tentar fazer a quadratura do círculo e a tapar a cabeça destapando os pés? Porquê inventar políticas de sustentabilidade da segurança social que vão gastar em subsídios de desemprego o que poupam em pensões de reforma? Muito simplesmente, porque os tais ganhos de produtividade são açambarcados pelo capital e a revolução tecnológica apenas aproveita aos senhores do dinheiro. Acabe-se com esta lógica e tudo passará a ser mais lógico.

**É bom
tê-lo connosco.**



Tradições... de Natal



As comemorações do Natal foram sempre vividas num misto de fé e ternura, pureza e simplicidade pela gente crente e humilde das nossas terras.

Nunca deram aso a manifestações muito ruidosas, mas sim a sentimentos de amor e fraternidade. Há qualquer coisa de poético e sublime neste halo de luz que envolve o Natal. A influência destes sentimentos é tal, que, segundo reza a história, muitas vezes os beligerantes faziam tréguas nos combates e confraternizavam os próprios inimigos.

Nas nossas aldeias transmontanas, a mística do Natal é vivida com profundidade, embora a onda de modernismo tenha alterado alguns costumes, substituindo o menino pelo velho de grandes barbas brancas e o presépio pelo pinheiro iluminado. No entanto, algumas tradições de Natal têm subsistido, entre elas a “Fogueira do Galo”. Porque do Galo?

Segundo alguns etnógrafos, esta tradição teria vindo de Espanha, da região de Zamora, onde cada lavrador costumava levar um galo para oferta ao Menino e que depois seria leiloado no fim da missa, celebrada à meia-noite e por isso também chamada “Missa do Galo”. Isto era para recordar as ofertas dos pastores de Belém e também porque foi ao cantar o galo que Pedro viu a concretização das palavras de Jesus, quando o mestre lhe disse que antes de cantar o galo o negaria três vezes. Nalgumas aldeias transmontanas, existe ainda a tradição de se leiloar o galo, junto da fogueira, que normalmente, é feita em frente da igreja. Recordo-me ainda de se ofertar ao menino fruta da época, como maçãs, pêras, laranjas e romãs que eram leiloadas também no adro da igreja a seguir à missa de Natal.

Conserva-se ainda o costume da oferta mas agora em dinheiro.

Entre o povo é crença que o Menino nasceu à meia-noite em ponto. Encontrei quadras antiquíssimas, como as que seguem, baseadas nessa crença:



Era meia-noite / Calai, meu Menino. Meia-noite em pino / Calai, meu amor. Cantava o galo / Que ainda é cedo. Chorava o menino / P'ra chorar de dor.

Voltando à “Fogueira do Galo” sabemos que ainda se faz em muitas aldeias da nossa região. É feita pela rapaziada nova, que, para isso, vão ao campo, onde haja cepos e lenha grossa, carregam um tractor – antigamente era um carro de bois, puxado por eles próprios – e em frente da igreja acendem a fogueira, que, às vezes, fica ardendo vários dias até se extinguir.

Há relativamente pouco tempo, o dia da Consoada era dia de jejum e abstinência para os católicos e mesmo agora há pessoas que observam esse preceito, apesar de dispensado. Por essa razão, a ceia de Natal era constituída essencialmente por peixe, sendo o mais tradicional o fiel bacalhau e o polvo cozido, acompanhado de batatas e couve tronchuda. Para sobremesa, as rabanadas, o arroz doce e o bolo-rei.

Nalgumas aldeias perduram ainda cânticos antiquíssimos, que talvez tenham a sua origem nas melodias pastoris, pois são cantadas num tom muito nostálgico, a lembrar o canto gregoriano. Recordo-me ainda de os ouvir cantar na minha infância às pessoas mais idosas e sei que, nalgumas aldeias no nosso distrito, ainda se cantam. A letra varia de aldeia para aldeia mas a melodia é a mesma. Também a veia poética do nosso povo se inspirou no Natal para criar lindas canções de embalar, que as nossas Avós cantavam para adormecer os netinhos, como estas quadras tão ingénuas e populares, que consegui recolher:

Cala, cala, meu Menino / Que a tua mãe logo vem. Foi lavar os teus cueiros / À fontinha de Belém. Nossa Senhora lavava / S. José estendia. Só o Menino chorava / Com o frio que fazia. Ó meu menino Jesus / Quem vos deu a casaquinha. Foi a minha avó Sant'Ana / Com botões de prata fina.

Casimiro Oliveira

Observatório de Genebra



Porque choras, Israel?



o votarem, em 1947, o plano que previa a partilha da Palestina, com a criação de um Estado Judeu, um Estado Árabe e o estatuto de cidade internacional para Jerusalém, as Nações Unidas estavam longe de imaginar que, passados quase 60 anos, o conflito daí surgido continuasse bem aceso. De tal maneira aceso que vai passando de geração em geração, queimando esperança e vidas aos dois povos nele implicados. E enquanto aquele incêndio não se extinguir, será impossível toda e qualquer possibilidade de diálogo. Mas o pior pode estar para acontecer: como um rastilho incontrolável, a chama desses velhos ódios é bem capaz de vir a detonar uma catástrofe de proporções bíblicas, onde o envolvimento dos protagonistas e respectivos aliados traduzir-se-ia numa escalada sem precedentes. Pela segunda vez na História, o recurso às armas nucleares não seria mera ficção...

O Estado de Israel existe; o da Palestina ainda não passou do papel à realidade; e em 1980, a cidade de Jerusalém, considerada como lugar sagrado para três religiões monoteístas – judaísmo, cristianismo e islão – viu o parlamento israelita proclamá-la capital eterna do seu povo. Acto imediatamente condenado pelo Conselho de Segurança da ONU.

Não é novidade para ninguém considerar-se o Médio-Oriente como região de alto-risco, tanto no campo da paz como na geopolítica actual. Encruzilhada de civilizações muito antigas, há muito que vem sendo palco da eterna guerrilha ideológica Ocidente/Oriente. E não é sem razão que o chamado «mundo desenvolvido»,

constatando os sucessivos fracassos para pôr termo ao conflito israelo-palestiniano, veja na sua eternização a pior das ameaças. Não esqueçamos que o primeiro choque petrolífero de 73-74 foi consequência da guerra do Yom Kippur, em Outubro de 1973, entre Israel e dois países seus vizinhos, o Egipto e a Síria. Tratava-se dum aviso que os países árabes produtores de petróleo davam ao mundo ocidental, para obrigarem Tel Aviv a abandonar a então recém-ocupada península do Sinai.

Hoje, nos alvares do século XXI, começa a vislumbrar-se uma pequenina luz ao fundo do túnel. Com o surgimento da nova Autoridade Palestiniana, nascida após o desaparecimento de Yasser Arafat, vão-se dissipando algumas das reservas que Israel vinha mantendo em relação ao diálogo com os seus vizinhos e inimigos. Mahmud Abbas, que recentemente foi eleito chefe daquela Autoridade, passa por um pragmático com quem pode contar o governo de Israel e, diga-se de passagem, muito tem feito para acelerar a criação do Estado da Palestina. Por outro lado, Ariel Sharon, chefe do governo demissionário de Israel e antigo general do exército mais forte da região – o Tsahal – deixou de ser um aguerrido *falcão*, ao converter-se numa das *pombas brancas* que mais falta fazem àquela região da Terra: conseguiu dar um passo de gigante, ordenando a evacuação da Faixa de Gaza, ocupada por Israel, em 1967, na sequência da Guerra dos Seis Dias. E mais que isso, Sharon evitou uma previsível guerra civil que tal medida acarretava, sendo certo que um gesto daquela grandeza não



Segurança para o vosso dinheiro,
Tranquilidade para vocês.

Conheça os serviços que a LCC lhe oferece.

O serviço ideal para quem precisa de garantir auxílio financeiro para a sua família na terra natal, suporte nas emergências em viagens internacionais, ou ainda necessite manter as suas operações de negócio no exterior com total segurança. As transferências podem ser efectuadas através de um dos nossos escritórios.

Com o FoneFácil vocês fazem a vossa transferência de dinheiro sem sair de casa, utilizando o vosso internet banking.

Pensando em vocês a LCC criou o serviço de atendimento facilitado. Podemos ir a onde estiverdes para buscar o dinheiro a ser enviado e enviamos o seu comprovativo por correio ou email.

Além disso a LCC oferece ainda :

Promoções e sorteios de prémios mensais ;
Venda de passagens aéreas e pacotes turísticos ;

Sorteio de fim de Ano

A LCC oferece uma passagem aérea (ida e volta) para Portugal.

Concorrerão todas as pessoas que enviarem dinheiro para Portugal através da nossa agência até ao dia 31/12/04.

LCC TRANS ENVOI SARL
29, rue Rousseau
(a 20 metros da saída do
Supermercado MANOR)

tel : 022 732 16 80
Segunda a sexta : 9h às 19h
Sábado : 9h às 17h



Observatório de Genebra

Porque choras, Israel?

agradava aos colonos mais radicais, nem ao seu próprio partido, o Likud, que nisso viram ruir a bíblica profecia do **Grande Israel** – um território uno e coeso, compreendido entre o Mediterrâneo e o Jordão, exclusivamente reservado aos descendentes de Moisés...

Depois de tanta morte e destruição, e enquanto não secarem as lágrimas derramadas pelos filhos desaparecidos em combate, os israelitas só podem fazer uma coisa: honrar a sua memória, fazendo a paz com os palestinianos – esse povo seu meio-irmão. Porque uns e outros habitam aqueles territórios há cerca de três mil anos, apascentaram os rebanhos nas mesmas montanhas e ambos beberam das frescas águas do rio Jordão. Só por isso, teriam direito a uma pátria segura, em liberdade, democrática. Por amor de Deus, deixem a guerra e optem pela paz!

Como herdeiro da cultura judaico-cristã, horroriza-me ver a Morte triunfando no martirizado Médio-Oriente. Como hoje, dia 5 de Dezembro, e uma vez mais em Natanya, quando um terrorista *kamikase* se fez explodir e com ele levou para o *outro mundo* cinco cidadãos israelitas, vítimas inocentes daquele bárbaro conflito. Acção prontamente condenada pela Autoridade Palestiniana.

À espera de dias melhores para os povos que aceitaram os Acordos de Oslo, Camp David e o Road Map, ainda não desisti de ver o triunfo da razão. Entretanto, limito-me a sonhar com uma visita a Jerusalém, aos lugares santos dos **Filhos do Livro**, e neles descobrir o sentido da Verdade Eterna...





PORTUGAL no CORAÇÃO

em Genebra

Tal como não tínhamos previsto que acontecesse... aconteceu!

Ai venham ver, ai venham ver... parte da letra da canção de Carlos Guilherme a abrir o “Portugal no Coração” realizado a partir de Genebra com a colaboração da respectiva comunidade.

Mas fomos ver o quê? O programa de Genebra deu a ver o quê?, às outras comunidades?

A Organização do evento, debruçou-se profundamente sobre a comunidade portuguesa genebrina? Sabe realmente o que existe na comunidade?

Surpreendeu-nos não ver as Associações representadas. Algumas delas que tanto têm feito pela comunidade, ao longo dos anos, foram simplesmente ignoradas pela “Informada Organização” e, pasme-se substituídas por personalidades vindas do Luxemburgo, da Alemanha... Para suprirem a aridez artística da nossa comunidade?

Por acaso “Informada Organização” sabe que há ótimas vozes, ótimos músicos, ótimos grupos de dança (de coreografias belíssimas, diga-se), críticos de arte, investigadores, génios de ciências e artistas plásticos aqui, no Cantão? – Já agora por que motivo a única genebrina que cantou (parabéns à Mariana Correia), o fez só uma vez enquanto os outros artistas abusaram? Não era um Programa com a comunidade de Genebra?

Por que motivo algumas personalidades, que

fazem muito pela comunidade foram rapidamente entrevistadas e mal, na plateia, e outros sem grandes méritos o foram no palco?

Por que motivo os “amiguinhos” sobressaíram em efusivas manifestações de familiaridade extrema no público, em conversas tão de “chacha” e, os ditos emigrantes de Genebra paulatinamente relegados para segundo plano?

Por que motivo a “Informada Organização” escolhe para falar de Genebra alguém que deu mostras de nunca a ter percorrido, estudado a sua história e nem ao menos saber localizar um ou outro ponto turístico mais banal?

Por que motivo as forças vivas da nossa comunidade não foram entrevistadas, tendo algumas abandonado a sala (o que só fizeram bem), perante tal falta de respeito e coordenação?

A “Informada Organização” devia deixar os gabinetes, mergulhar no mundo associativo – que por acaso está sempre a ser “usado” para outros colherem os louros – e inteirar-se dos projectos que se fazem, dos trabalhos que se concretizam, das acções desenvolvidas e a desenvolver. Enfim, saber que a comunidade não existe só para encher salas e mandar cumprimentos aos familiares, mas que sabe muito bem discernir o que está bem e o que está mal, quando gozam com a sua disponibilidade e integridade.

Somos uma comunidade que merece **alguém que nos conheça** e nos dignifique nestas ocasiões.



Bocage – Poeta

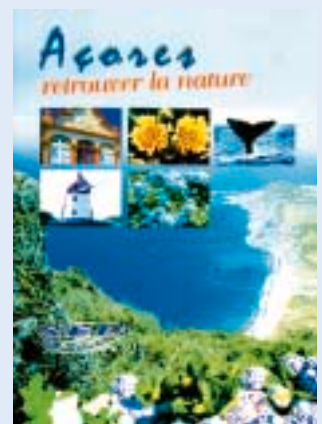
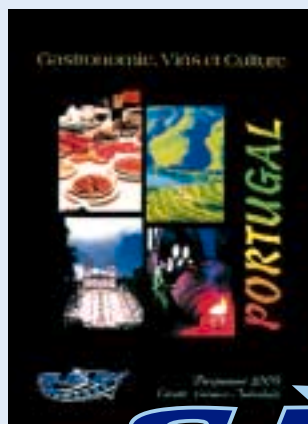
Bocage, o poeta Manuel Maria l'Hedoux de Barbosa du Bocage, morreu há 200 anos, em Dezembro de 1805. O poeta de Setúbal merece a nossa homenagem já que é uma referência notável das letras portuguesas e também o seu pensamento ajuda a conhecer uma época histórica de assinalável transição. Viveu de 1765 a 1805, um tempo de turbulência cultural em Portugal e na Europa. A sua obra poética e a vida espelham essa transição ideológica do final do século XVIII e, de certo modo,

explicam as paixões dum humanismo luxurioso, irreverente, boémio, aberto à frontalidade da mudança.

O poeta cresceu e foi educado na ordem racional numa sujeição à hierarquia de valores do tradicionalismo católico e absolutista mas logo respirou também o liberalismo e foi um pré-romântico.

A crítica concede-lhe um elevado grau de perfeição, quer no que escreve, como na forma como viveu. Como poeta conseguiu facilmente aproximar-se dessa perfeição pelo talento e domínio da palavra e do ritmo. Quanto à vida, tarde chegou o compromisso de a encarar e com ela, mais a sério, viver. Foi a doença que lhe atenuou a vitalidade dos instintos e lhe permitiu o triunfo aos anelos da alma generosa e religiosa. (Hernani Cidade).

O Botequim no século XVIII é o pouso numa intelectualidade lisboeta “provinciana e culturalmente limitada”. Faz a transição entre a Arcádia poética e o Clube revolucionário. Bocage torna-se



A Agência que lhe propõe e aconselha com dinamismo todos os destinos das suas férias, segundo o seu desejo.

Solicite os nossos catálogos!



L'agence qui vous propose et vous conseille avec dynamisme toutes les destinations de vos désirs.

Demandez nos catalogues!

www.sepvoyages.com
agence@sepvooyages.com

da Liberdade

um famoso improvisador de versos nesses botequins, sendo assíduo frequentador do Nicola no Rossio onde se respira ainda hoje a sua memória. O drama do poeta, cantor da “Liberdade, mãe dos prazeres”, é o lance trágico dum conflito de ideias e convicções que jamais se abraçaram. A influência do Ilusionismo Enciclopédico deu-lhe coragem para esgrimir contra todos os “locos horrendus” que o tradicionalismo católico lhe tinha ensinado. Nesse combate nunca se libertou do estado patológico da obsessão da morte. Não leu pelo certo o “Livro das Quedas” doutro seu colega mais recente: “Vai o homem no seu corpo e subitamente cai”. A morte, a queda única que não tem recurso, é o padrão de todas as quedas porque existir é devorar a vida. (C. de Brito). Devorou-a Bocage na fruição dessa liberdade, mãe dos prazeres, sofrendo o revés duma dependência egotista. Com a idade, o corpo vai comendo a estrutura do “Ego”, impedindo a leitura racional da “ars moriendi”. Existir é fluir e tudo o que flui passa na urdidura dos poetas. Mas outras paixões no poeta marinheiro Sadino exigiriam resposta imediata ao amor ciumento que sempre cultivou. Não amou tantas mulheres como as que cantou, somando mesmo o cúmulo cupidinoso das Índias e dos Brasis. Foram muitas embora umas roubadas por amigos, outras mortas em flor pela tuberculose e ainda outras ingratas, cruéis e “desdenhosas”. Todas mulheres fingidas, excepto o primeiro amor, Gertrúlia, moça de Setúbal e, talvez, Márcia, a última que desinteressadamente o consolou quando já era um farrapo desfeito pela doença.

Não quero terminar a minha homenagem com sentença moralista inútil. Rir-se-ia o homenageado e o leitor desta crónica. Dentro do poeta vivia o homem que fez caminhada divertida e



boémia: o Sentenciado pela polícia do Intendente Pina Manique que ordenou prisão pelos “escritos ímpios, sediosos e críticos.” O Doutrinado no Mosteiro de S. Bento porque bem se adaptou aos encargos da irmandade dos padres Oratorianos. E como nem uma nem outra dessas circunstâncias criou ao poeta o hábito da curvatura da espinha – H. Cidade – Bocage nunca foi um Domesticado.



Vercingétorix était glabre, à la romaine Ou du mythe à la réalité de l'Histoire

En 58-59 av. J.-C., les Helvètes abandonnent leur pays et tentent, d'abord à Genava (Genève), de passer massivement dans la province romaine de la Narbonnaise. Jules César (Caius Julius Caesar) étouffe dans l'œuf cette tentative d'émigration sauvage. Un simple fait militaire isolé (de police des frontières, dirait-on aujourd'hui) va bientôt se transformer en conquête des terres étendues des gaulois. Une coalition de ces derniers est organisée au cours de l'hiver 53-52 contre les visées d'un général ambitieux, gouverneur romain de la Narbonnaise. Elle trouve son chef en Vercingétorix, prince des Arvernes (des Auvergnats). De lui on sait très peu de choses; il ne nous est connu que par

quelques textes latins dont celui de César: «Vercingetorix, Celtilli filius, Arvernus, summae potentiae adulescens cuius pater principatum galliae totius obtinerat. (...)»

Il n'a pas encore 20 ans lorsqu'il parvient à réunir autour de lui une bonne partie des Gaulois, et notamment des Eduens jusqu'alors prétendument «alliés» de Rome.

D'une tradition encore sans écriture, protohistorique, de l'âge de la Tène, il a déjà servi dans une légion de Rome, il possède quelques notions de la langue latine; il se targue d'avoir quelques connaissances de l'organisation militaire des Romains, de leur logistique, de leur culture supérieure que l'on envie et que l'on craint.

Millennium

bcp

A v i d a i n s p i r a - n o s

Genève:

Rue de Lausanne 54 • 1202 Genève
Tel. 022 908 38 48 • Fax 022 908 38 45
Tel. câmbio 022 908 38 40

Lausanne:

Place Chauderon 18 • CP 5343 • 1002 Lausanne
Tel. 021 320 99 32 • Fax 021 312 46 34
Tel. câmbio 021 323 51 34

Zürich:

Wyssgasse 6 • 8004 Zürich
Tel. 044 296 60 40 • Fax 044 240 50 45
Tel. câmbio 044 240 50 46



Caius Julius Caesar – 102-44 av. J.C.
A la bataille d'Alésia César a la cinquantaine.
Vercingétorix n'a pas encore 20 ans

Il commet l'erreur, en septembre 52, de se laisser enfermer dans Alésia, oppi-

dum et centre religieux aux confins du territoire éduen, aujourd'hui Alise-Sainte-Reine (Côte-d'Or). César a fait construire autour de la position d'Alésia une double ligne de fortifications, l'autre contre les secours gaulois du dehors aux assiégés. Ce chef-d'œuvre de l'art des sièges a occupé, jour et nuit, dix légions pendant cinq semaines.

Deux cent quarante mille fantassins et huit mille cavaliers gaulois répondent à l'appel de Vercingétorix, alors que les assiégés ont déjà épuisé leurs vivres. Aux femmes, enfants et vieillards chassés de l'oppidum par le tout jeune Auvergnat César refuse le passage; ils agonisent lentement entre les murs d'Alésia et les tranchées romaines.

L'armée gauloise de secours, mal organisée, est mise en déroute après une journée de combat; poursuivie par la cavalerie romaine, elle se disperse vers l'intérieur des Gaules. Nous sommes en 52 av. J.-C. En 49, c'est la phocéenne Massilia (Marseille) qui est victorieusement assiégée par César.

L'énorme quantité d'armes retrouvées dans les fossés d'Alésia témoigne du siège et de la terrible bataille qui a opposé les légions romaines aux Arvernes et aux Eduens envoyés au secours des assiégés.

Les grands magasins, les bazars, les marchands de souvenirs n'ont pas envie de changer le look de Vercingétorix

Le triomphe

A l'occasion de la célébration du grand triomphe de César, à Rome, en 46 av. J.-C. Vercingétorix, fils d'un roi assassiné par les siens, figure aux côtés d'autres illustres vaincus, Arsinoé d'Alexandrie, et Juba de Mauritanie. Après le triomphe, il est étranglé dans le Tullianum, l'un des cachots de la prison mamertine, sur le flanc oriental du Capitole. Il a un peu plus de 25 ans.

L'étrange naissance d'un mythe

En France, dans la seconde moitié du XIX^e siècle, des écrivains, des peintres, des sculpteurs créent le mythe de Vercingétorix, du résistant; la gallomanie, le panceltisme, la mode des Gaulois sont nés.

Modeste Anquetin, en 1840, dans sa tragédie, *Le dévouement de Vercingétorix, ou le dernier jour de la Gaule indépendante*, et Eugène Sue dans, *Les Mystères du peuple*, créent des héros aux yeux de leurs contemporains. C'est l'époque où Charles Gleyre (1806–1874) fait passer les Romains sous le joug des Helvètes, en 107 av. J.-C.

Un certain nombre d'œuvres illustrent, souvent avec emphase, l'enfance, les aventures, la défaite finale du chef auvergnat: *La défaite des Gaulois*, par Théodore Chassériau (1818–1856),

Vercingétorix
Naturel 295 FRF
Peint main 595 FRF
10 cm



Vercingétorix était glabre à la romaine Ou du mythe à la réalité de l'Histoire

Vercingétorix jette ses armes aux pieds de César de Motte, le monument élevé place de Jaude à Clermont-Ferrand *Vercingétorix terrassant un soldat romain* de Frédéric-Auguste Bartholdi (1834-1904).

Si Jules Michelet (1798-1874) préfère César et considère Vercingétorix comme un simple personnage éponyme traduisant son nom par «Le général gaulois», c'est par Roger Martin (1819-1883), historien et homme politique, que Vercingétorix acquiert un éclat certain alors que son adversaire latin est, singulièrement, terni pour son attitude «inique» lors de la reddition gauloise. Martin cependant devient l'auteur d'une œuvre rapidement périmée car il a accordé aux Celtes une influence excessive dans la genèse de la civilisation occidentale.

Napoléon III, qui possède bien peu de sang celte dans ses veines, zéléateur de César (*Histoire de Jules César*, Paris, 1865-1866), ne se défend pas d'une certaine admiration pour Vercingétorix – c'est de bonne politique! Il lui prête même ses propres traits pour la sculpture monumentale commandée à Aimé Millet.

Le nouveau culte voué aux Gaulois va faire basculer Rome et César dans le rôle d'envahisseurs et de tyran de la nation gauloise; alors que

Vercingétorix est glorifié, César est moralement condamné!

Les relations mouvementées entre la France et l'Italie du *risorgimento* qui tend à son unité politique, la «question romaine» contre le pouvoir temporel de la papauté, l'antipathie affichée par la très catholique impératrice Eugenia de Montijo, sont certainement à l'origine de cette évolution.

Et pourtant, avec la longue paix romaine, quelque dix-neuf siècles auparavant, Alésia, par exemple, sort de l'âge de la Tène, sans documents écrits, pour entrer de plain-pied dans l'Histoire!

Les stratèges romains ont été professionnellement préparés à la guerre; la victoire finale ne peut leur échapper. Cependant, la campagne des Gaules n'est pas une sinécure, une simple promenade militaire: il faut vaincre les grandes distances, se déplacer avec rapidité, avec tous les indispensables *impedimenta*; nombreux sont pour les Romains les problèmes logistiques à résoudre sur des terrains inconnus et sans réseau routier. Les chemins en terre battue sont difficilement praticables.

Depuis quelques années déjà, les historiens sérieux ont cherché à mettre un peu de crédibi-

AGÊNCIA FÉLIX REISEBÜRO

• Viagens • Imobiliária • Créditos • Seguros

Onde quer que você esteja, nós estamos lá...
em toda a Suíça.



"A nossa escolha é a
Agencia Félix."

Dubsstrasse 47
8003 Zürich

Tel. 044 450 82 22
Fax 044 450 82 20

www.agenciafelix.ch
info@agenciafelix.ch



Détail de la statue en bronze de Vercingétorix par Aimé Millet (1865) érigée à Alise-Sainte-Reine (Alésia)



lité à l'image de Vercingétorix, sans mortelle rhétorique, en abandonnant tout ce qui a formé le mythe passé. La vérité historique nous apparaît combien plus attachante! De nos jours, cependant, une tradition quelque peu cocardière refait surface avec un ton moqueur et irrespectueux par la bande dessinée et le cinéma (Revanche freudienne d'Astérix après plus de deux millénaires!)

Jean Duché a écrit:

«Vercingétorix était un peu «m'as-tu vu». Un peu «va-t'en-guerre», mais il faisait peur aux hommes et plaisir aux femmes.»

Le service d'identité judiciaire de la préfecture de police de Paris a eu récemment la bonne idée d'établir le portrait-robot de Vercingétorix à partir de divers éléments:

- les rares indications descriptives données par les textes latins;
- les représentations de Vercingétorix sur les monnaies gauloises, sur quinze monnaies d'or, mises au jour il y a peu d'années, s'inspirent de pièces grecques et romaines (l'emploi de l'alphabet latin est à noter);
- et enfin l'expérience accumulée par les spécialistes de la photographie anthropométrique face-profil.

Le résultat final est surprenant; il ne correspond en rien à l'image officielle que l'on a donnée de lui, du XIX^e siècle à nos jours: la cinquantaine expérimentée, héroïque.

Rasé de près comme un Roman, c'est encore l'adolescent, le gosse curieux, revenu à temps de la légion; il n'a pas les légendaires moustaches, les blondes «bacchantes» tombantes de phoque!

J'ai montré ce portrait-robot à mes élèves de lycée (et je remercie le service d'identité de me l'avoir transmis).

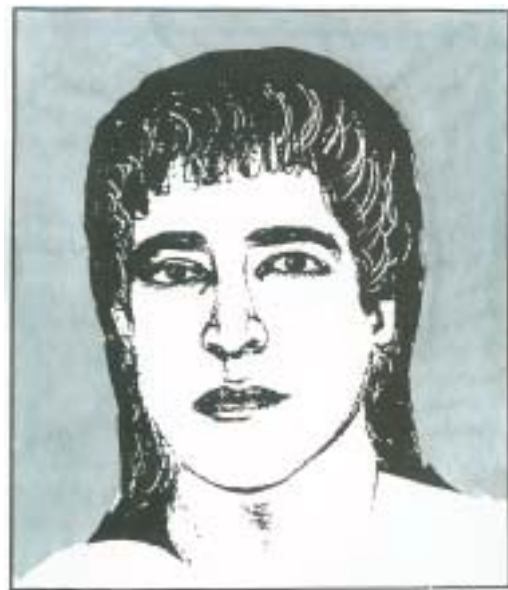
– Qui peut-il bien être?

– C'est sûrement un jeune mec, un casseur des quartiers difficiles qui a fait quelque bêtise et qui est activement recherché par les "poulets"!

– Non, c'est le malheureux adversaire de Jules César!

Au XIX^e siècle, on a placé Vercingétorix, barbu, chevelu et moustachu de la *gallia bracata* (à braies et non en toge) anachroniquement affublé d'une cuirasse franque, sur un trop haut piédestal, l'épée levée vers le ciel comme s'il voulait transpercer une étoile!

Il est devenu subitement plus humain, plus accessible, plus émouvant aussi, plus proche de ce qu'il a été en vérité, et on est d'autant plus sensible à tout le drame d'un jeune qui a osé se mesurer sans le moindre espoir de victoire au brillant génie de Rome.



Portrait-robot de Vercingétorix, établi par le service d'identité judiciaire de la préfecture de police de Paris

Fernão Mendes príncipe da Contra -

Autor de histórias para crianças
Juiz, médico e cronista de sega
Andarilha por mares em mudança
Polifacetado até dizer chega!

Jesuíta tímido e discreto
Do Oriente traz bernal de vivência,
Registo majestoso, semi-aberto,
Como se fosse mera confidência.

Em imagem e ironia dobrada
Exposição de verdades bojudas
Sobre gente lusitana aviltada.

Maldizentes corrompem a lição,
Condimento de gerações futuras,
Trocando a verdade pela ficção (M.P.)



Cristianismo não existiria sem Jesus. Forçado dizer que tenha sido o fundador intencional. Ao questionar a literatura cristã original, os numerosos textos, as suas contradições, ao interpretar as conclusões dos Padres da Igreja, a crítica histórica tenta compreender o que se passou no século a seguir à crucificação, quando o movimento dos partidários de Cristo estava ainda profundamente inscrito na fé judaica até à ruptura em 150 d.C., definitiva, entre o judaísmo e o cristianismo, tornando-se inimigos milenares.

Assim, na origem, não havia uma verdade Cristã, mas várias. A religião deu lugar a interpretação diversas. A Igreja caucionou umas e condenou outras, tidas por heresias. As dissensões profundas recenseadas, ao longo de vinte séculos, são mais de duas centenas. Pelos tempos idos, as mais

célebres e próximas da Palestina fizeram emergir: católicos nestorianos, adamitas, coptas, ortodoxos gregos, arménios, maronitas... Na Idade Média a mais célebre heresia é a dos *cátaros*, habitantes das regiões de Carcassona, Tolosa e Albi, exterminados por cruzada organizada pelos barões e rei de França (1209-1221). Em pleno período do *Renascimento*, nova polémica rebenta quando Martinho Lutero (1483-1546) teve a coragem de afixar, em 1517, à entrada da porta da catedral de Wittenberg, 95 teses protestando contra os dogmas da Igreja e a forma de extorquir dinheiro aos fiéis pela via das indulgências. Denuncia ainda como pregador a manipulação dos textos bíblicos, as práticas sectárias e apela à interpretação da mensagem que os testemunhos de primeira mão continham.

Imediatamente o fogo do protestantismo se espalha pela Europa Cristã: *anglicanos*, *luteranos*, *calvinistas*, *buguenotes* investem contra os dogmas da igreja de Roma. A Europa dilacerada entre católicos prepara-se para obra medonha. Um rio caudaloso de pérolas brancas e vermelhas enche infinito colar de dor. É em nome da purificação, tendo por pano de fundo a configuração de uma humanidade a comparecer no dia do julgamento último perante o Criador, tal como Adão e Eva viveram no Éden, espelhada algures em telas e muros e multiplicada em formas e tonalidades, para delírio de uns e o escândalo de outros, que a Igreja esgrime e julga numa luta fratricida e sem tréguas. Destruídos pela demência e intolerância humana (*iconoclastia*) a que nem os santos escaparam em pedestais altos ou baixinhos, varridos por guerra de religião, de um lado da barricada católicos cristãos e do outro católicos protestantes acusando-se pelos mesmos crimes, campos,

Pinto Reforma

aldeias, vilas e cidades são pasto de fogo e de canhões. A Igreja apostólica romana não cruza os braços perante o movimento de *Reforma* de uma parte da Igreja que dela se separa. Era necessário eliminar a “erva” daninha de crescimento rápido. Os homens da reforma da igreja romana, conhecida por *Contra-Reforma*, sabiam bem que, numa época tão vacilante em que o poder da Igreja e o seu *modus vivendi* era periclitante e alvo de feroz e contundente crítica, a cristandade teria de ser reconstituída a partir das bases. A família, um dos pilares, era necessário dispensar-lhe os primeiros e maiores cuidados.

A Igreja organiza um vasto movimento na tentativa de salvar uma parte do rebanho dizimado. Criam-se novas ordens, a dos *Oratorianos* e a dos *Jesuítas* (1539) com o fito de lançar sólido programa de evangelização e educação. E no *Concílio de Trento* (1545-1563) reafirma todos os pontos onde foi atacada por luteranos e calvinistas: a Sagrada Escritura e a tradição como fontes de Verdade; a existência de sete Sacramentos como fonte de Graça Divina; a presença de Cristo na Eucaristia; a Salvação dos homens depende da fé e das obras; o culto de Nossa Senhora e dos santos; o uso do latim na liturgia. O Concílio estatui ainda a criação de seminários para a formação de sacerdotes; obrigatoriedade de os bispos residirem nas dioceses; manutenção do celibato dos padres; o reforço do *Tribunal da Inquisição*, visando o combate das ideias reformistas e a criação do *Index*. A Igreja apostólica romana atacada entrega-se a uma perseguição



Julgamento Final – Miguel Angelo

feroz, contra a blasfémia, contra o judeu, contra o protestante, contra as bruxas, contra os livros tidos por heréticos, tudo pode terminar num auto-de-fé, na fogueira, na praça pública caucinado pelo Tribunal do Santo Ofício.

Sem que a maioria dos seus leitores se tenha dado conta pelos séculos fora, Fernão Mendes Pinto (1510-1583), tendo viajado durante 21 anos pelo Oriente e tendo sido companheiro de S. Francisco Xavier é partidário convicto desta causa. Já desvinculado da ordem, lutou, nas fileiras de uma unidade especial da *Contra-Reforma*, contra a destruição da célula familiar. Casado tardiamente, passa os últimos anos de vida no Pragal, em Almada. Na encosta soalheira, voltada para o nascente, ao acordar, o sol, estando em pleno sobre espaços por si percorridos, traz-lhe luz à memória e talvez uma grande nostalgia. A beleza de alma de duas filhas, que poderiam ser



A Peregrinação em Português, Francês e Alemão

Fernão Mendes Pinto príncipe da Contra - Reforma

netas, levou-o a escrever as suas memórias, conhecidas por *Peregrinação*. A arte do magistério, se teve entre nós algum cultor, passou, sem dúvida, por homem tido por aventureiro e que talvez nunca o tenha sido, em pleno. O ensino consignéado está longe de sair de um *magister dixit*, está mesmo nos antípodas.

É um pai, preocupado com a educação dos filhos, que escreve uma mirabolante aventura não individual, como exultoriamente pretende, mas de um colectivo de que, de facto, fez parte e aqui, sim, temos de reconhecer que soube jogar com a parte em nome do todo, como ninguém antes o fizera em obra prima da literatura portuguesa. É um ingénua, aparentemente despido de maldade, sempre desconcertante pelas notas de humildade, enquanto narrador, que seduz o leitor prevenido. Passa por, ou descreve, o português viajante de muitos rostos: soldado, mercador, diplomata, especulador, jogador, aventureiro, pirata... Os recursos estilísticos, mais em destaque: imagem, ironia, antítese, sinédoque e a hipérbole – são jóias de ourives de talento, postas no papel como cartas de póquer por magnífico acrobata da pena.

Em *Peregrinação* há dois mundos distintos: o do homem e o da mulher aos quais está ligado uma abóbada celeste com fortes esteios numa arquitectura numérica. O mundo do homem é do exterior, é o da depredação, o do rasgão físico ou moral que deixa o bicho homem quantas vezes nu e na exaustão. E, oh leitores atentos, que lição nos dá antes de *Darwin* sobre a sobrevivência da espécie, tendo como exemplar o animal humano. O homem lobo do homem...

Perante o exótico, perante o nu masculino, o olhar da mulher oriental não é amoroso mas caritativo. Em ambientes de grande luxo, em cortes

e palácios, sabia dançar, tocar e distrair sem que fossem alvo de volúpia. A mulher oriental está eivada de nobreza de alma. Não há direito à vulgaridade ou à lamúria esteja ela onde estiver. Representa a *Grande Mãe*, a regeneradora do mundo. A devassidão de costumes não existe na *Peregrinação* por terras do Oriente. O seu olhar de velho jesuíta manteve-se indiferente ao corpo. Não é um feminista no sentido que conferimos actualmente ao termo, mas é, seguramente, um dos homens da *Contra-Reforma* que pugnava por uma mulher vanguardista despida de pensamentos inferiores ou indignos e capaz de se dignificar a si e ao homem caído na lama. A pretexto de que era a educação dos filhos, a quem a obra, essencialmente, se destinava, é exemplar a lição dada, a cada passo, ao homem pela mulher. O poder paternal impede-o de falar às suas filhas das aventuras vividas pelo homem. A mulher tem por missão purificar o mundo subvertido. A casa é um espaço privado, íntimo, governado pela mulher. O exterior é quase sempre um local de folia inspirado pela violência, praticada por homens de coração mais duro do que o ferro.

Fernão Mendes Pinto é um *Príncipe* da arte de contar, genuíno como o homem espalha a morte, como é capaz de lhe sobreviver e como só a mãe o pode regenerar. O compatriota, muita vez, mergulha na maior miséria, perde os trapos mais rudimentares que lhe cobrem os órgãos genitais, fica desmascarado, deixa cair as “mostras de fora”. A *Peregrinação*, monumento posto em planalto, sobranceiro ao Tejo, face a Lisboa, tem em Cristo, o Rei de braços abertos em direcção à humanidade moralmente doente, tresmalhada, descrente, mas em busca de um farol, que lhe guie os passos, em dia de cerrada nebelina, em vale de lágrimas.

A Arte da Terra

Seguramente é em tempo de Natal que faz mais sentido falarmos de tradição. É a reunião familiar, os amigos, os presentes, etc. etc.

Mas a tradição pode – e deve - ser vivida com o saber do passado, com os olhos postos no melhor do presente, na expectativa de novas ideias para o futuro.

É com este espírito que a “A ARTE DA TERRA” aborda a época natalícia e apresenta um vasto leque de peças dos mais talentosos artesãos portugueses, artesãos de origens e gerações diversas, as quais mostram a riqueza da nossa cultura tradicional.

Em tempo de tradição, sugerimos-lhe então, uma viagem ao universo das artes e ofícios tradicionais portugueses, numa visita a “A ARTE DA TERRA”, um espaço á entrada de Almada, na Av. Bento Gonçalves, 37 A, a escassas centenas de metros da saída da Ponte 25 de Abril.

www.aartedaterra.pt

E-mail: arte@net.sapo.pt

Porque o Artesanato só pode ser genuíno.



Reembolso do 2º pilar



Discutir o problema do Reembolso do dinheiro do 2º pilar a partir de 2007, foi o que reuniu mais de cem pessoas no passado dia 19 de Novembro, no Hotel Grenil em Genebra.

A sessão de informação foi organizada por Manuel de Melo, conselheiro das comunidades, que convidou dois representantes da central do 2º pilar de Berna bem como Manuel de Matos, conselheiro social da Embaixada de Portugal em Berna e José Hans do sindicato SIT.

A questão é, afinal, simples, após os acordos feitos entre a Suíça e Portugal, um dos únicos países a ter chegado a um acordo, como explicou Daniel Dürr, director da Central do 2º pilar, os emigrantes portugueses continuarão a poder pedir o reembolso do seu dinheiro desde que não estejam inscritos na Segurança Social em Portugal, mesmo a partir de 2007.

As três situações em que o dinheiro continuará a ser reembolsado são, como actualmente: **compra de habitação permanente**; para se **estabelecer por conta própria**; ou no caso de **regresso definitivo a Portugal**.

O processo é fácil, o emigrante deverá pedir o reembolso do dinheiro à Central do 2º pilar que entretanto irá perguntar à Segurança Social portuguesa se o cidadão está ou não inscrito em Portugal. Caso a resposta seja negativa o dinheiro é enviado para a conta indicada pelo emigrante, caso a resposta da Segurança Social seja positiva o emigrante só poderá receber o seu

dinheiro quando atingir a idade da reforma. Tudo isto num prazo de 90 dias. Manuel de Matos lembrou que a decisão de pedir o reembolso não deve ser tomada de ânimo leve uma vez que o levantamento desse dinheiro significa que o emigrante já não pode contar com esse montante para a sua reforma.

José Maria Hans, do Sindicato SIT, recomendou ainda aos emigrantes que antes de partir para Portugal e pedir o reembolso verifiquem com as suas caixas de previdência suíças se o montante acumulado está correcto.

Para quem quiser obter mais informações sobre esta questão pode telefonar directamente para a Central do 2º pilar em Berna pelo número (0041) 31 380 79 75 onde deve pedir para falar com Isabel Martins, chefe de divisão daquela central que o atenderá em português, ou então visitar o site www.zentralstelle.ch onde poderá escolher também a versão portuguesa.



DOENÇAS



As pessoas adoram doenças. Qualquer doença lhes serve. É uma dor nos quadris, é uma súbita falta de ar, um aperto no estômago, umas picadas no tórax, uma tontura ao levantar. Marcam consultas, esperam em consultórios abafados, cheios de outra gente que também sofre de outras doenças, alegram-se porque a dor delas não é do lado esquerdo, é mais acima, assustam-se porque a dor que sentem é igualzinha à dos outros que já foram sujeitos a intervenções cirúrgicas, embrenham-se nas doenças próprias e alheias.

Nos fins-de-semana as doenças proliferam. São enxaquecas, dores de costas, uns zumbidos nos ouvidos, insónias, não preguei olho a noite inteira. Tudo acontece ao fim-de-semana. Então telefonam aos anjos da noite, equipas de médicos que, fora de horas, de malinha e estetoscópio, rumam às moradas mais distantes para medir a tensão, espreitar uma garganta, auscultar um peito, diga trinta e três, mais forte, não ouço nada, a senhora está sã que nem um pêro. Mas este abafamento que não me deixa dormir, doutor. Eu passo-lhe aqui esta receita, toma um comprimido às refeições, esfrega com esta pomada, vai ver que se vai sentir melhor. Deus lhe pague, senhor doutor. A receita fica esquecida sobre a mesa, a D. Rosalina caiu no sono logo que o médico bateu a porta. Outras vezes a D. Celeste não adormece sem o comprimido, o filho chega a casa por volta da meia-noite, ficou a fazer horas extraordinárias no café para se casar em Setembro, a mãe pede-lhe entre gemidos, vai a uma farmácia de serviço e avia-me esta receita, o bom filho faz a vontade à mãe. Mãe é assim, cria, e depois são os filhos que a amparam, é justo. À segunda-feira, está tudo estoirado com as doenças. O autocarro enche-se de gente macambúzia, de olhos pisados de tantas emoções. Quando a língua se solta, é um ver se te avias de

pequenas desgraças, mas o pessoal já se sente melhor, saiu de casa, arejou, a semana começa, o emprego é uma chatice, ganha-se mal, trabalha-se muitas horas seguidas, os colegas têm uma lín-



gua comprida, a fulana andou a espalhar por aí que eu vivia amigada, o chefe não trocou a folga porque estava mal disposto, mas se fosse à menina dos seus olhos fazia-lhe o horário que ela quisesse, isto é uma injustiça, mas o que o chefe quer, sei-o eu. Viva o trabalho! Nos intervalos ainda há uma análise para fazer, uma consulta onde ir, mas as doenças minguem, à vista do emprego, dos colegas, da lufa-lufa quotidiana. Se não fossem as doenças que a gente inventa, os dias eram bem mais tristes e a comunicação intra-espécie careceria, penso, de um assunto congregador.

Rogério

Ainda não é um campeão mundial a igualar Thierry Lincou, mas determinação não lhe falta quando, no *squash*, bate a bola com firmeza.

E se a proeza de Lincou é conseguir que a bola parta a 200 Km/h da força do impacto, Rogério Carolino Feitor pode orgulhar-se de contribuir para que os protões possam acelerar quase à velocidade da luz.

Reparte o tempo entre o trabalho de engenheiro, no CERN - que adora - e outras actividades como a fotografia, a dinamização associativa, o desporto, o cinema... Tem outros sonhos a aguardar que a vida se encarregue de concretizá-los; pois este alfacinha de gema de pés bem assentes na terra tem uma irreduzível força de vencer e de melhorar a sociedade humana.

Fomos conhecê-lo no seu mundo, entre projectos, esquemas, símbolos, fórmulas, computadores, maquetas e experiências que escapam a leigos como nós.



Para irmos ao cerne da questão, o que é o CERN?

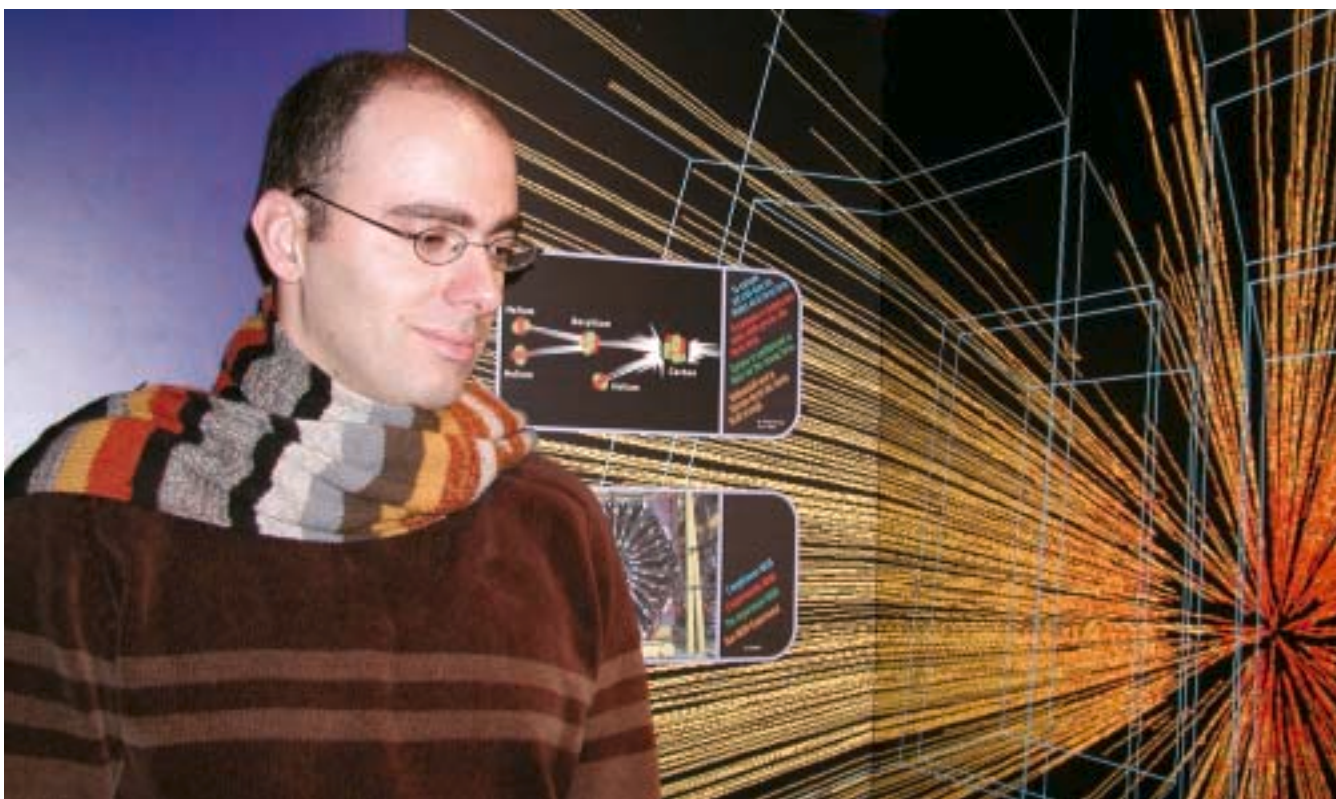
O CERN é o Centro Europeu de Pesquisa (Recherches) Nuclear. Foi criado há 50 anos, fará 51 em 2006. À sua criação está subjacente o desejo de evitar que os cérebros europeus fossem para os Estados Unidos, depois da Segunda Guerra Mundial. A situação aqui, na Europa, estava bastante confusa para que muita gente pudesse continuar os seus trabalhos de investigação. E não havia condições porque estava tudo bastante disperso pelos vários países, enquanto que os Estados Unidos, já então uma grande potência, oferecia instalações e pedia aos físicos europeus para irem trabalhar para lá.

E Genebra foi escolhida porquê?

Não sei bem, mas talvez tivesse pesado na escolha o ser um local central na Europa e devido a que durante os conflitos mundiais, a Confederação Helvética, manteve a neutralidade e a cidade de Genebra já pontuava como cidade

Carolino Feitor

Engenheiro no CERN



internacional, já num congresso em Viena, em 1815, *Tallerand* dizia que: *Il y a cinq continents: l'Europe, l'Asie, l'Amérique, l'Afrique et Genève*. E se atentarmos bem na existência desta cidade e das suas gentes vemo-las no epicentro de *ventos* políticos, sociais e humanitários que varreram a Europa

Como é que você aparece a trabalhar no CERN?

Eu trabalhava para uma empresa portuguesa de *Soldadura e Qualidade*, sem fins lucrativos, que ganhou um contrato, há três anos, com o CERN para fazer uma espécie de consultoria e foi através desse contrato que cheguei aqui a Genebra. Depois, fui ficando por cá. Agora como sabe

estamos a construir o novo Acelerador de partículas **A Larger Hadron Collider** – a nova máquina do CERN.

Essa máquina, essencialmente é o quê?

Ora bem, por exemplo: quando queremos saber como funciona o mecanismo de um relógio e se não temos as ferramentas para o abrir, temos que parti-lo para ver o seu interior. No fundo o Acelerador de partículas faz isso mesmo. Parte as partículas.

Partir as partículas?

Sim, fazemos colidir as partículas a uma velocidade próxima da luz.

Rogério Carolino Feitor

Mas isso não gera explosões...!

Sim. Fazemos explosões. O Acelerador antigo era para acelerar electrões, que são partículas pequenas. Para ir ao núcleo da questão: existe o átomo que é o conjunto do neutrão e protão e à volta giram os electrões, em órbita, como se fosse a Lua à volta da Terra. Ao acelerarmos o electrão, que é uma partícula muito mais pequena que o protão – podemos dizer que há uma relação como se fosse uma bola de ténis para a Terra – necessitávamos de menos energia porque de facto, é uma partícula muito, muito pequena.

Agora, segundo Higgs, físico inglês, que vem desenvolvendo a teoria, toda a matéria vem de uma partícula muito pequena – Bosão de Higgs – e, sendo ela a **Partícula Fundamental**, depois dela, não existe mais nada.

O problema é que essa partícula só existe em teoria.

Mas, como assim? Só em teoria?

É, é sempre assim que isto funciona no CERN. Os físicos desenvolvem as teorias e depois pedem aos engenheiros que têm uma noção mais prática a nível das máquinas, para construí-las.

O novo Acelerador, que estamos a construir, não é para acelerar electrões mas protões; logo, como são partículas maiores, precisam de mais energia e mais tecnologia que antes não existia.

Esse Acelerador não é um brinquedo qualquer, pois não?

Tem 27 quilómetros. O anel é constituído de vários módulos. O módulo maior tem 15 metros de comprimento é um Bipol (campo magnético criado por 2 pólos). Eu trabalho na secção mais

curta o Quadripol (quatro pólos magnéticos). Este projecto já começou há mais de 20 anos. O problema do CERN é não ter espaço para fazer um Acelerador em linha recta, que seria ideal. Então resolveu-se fazer uma grande circunferência, mas vai gastar mais energia para obrigar as partículas a acelerar. Pensa-se já num Acelerador linear que irá ser construído aqui ou na Alemanha.

Mas o que está a ser construído, nesse caso, ultrapassa a fronteira Suíça.

Ultrapassa sim e passa pelo território francês. É subterrâneo. Tivemos que encontrar uma placa tectónica bastante estável, por isso é uma placa inclinada. A profundidade varia dos 130 aos 60 metros de profundidade.

De profundidade?

Sim, o túnel tem 3,6 metros de diâmetro e faz circunferência passando então pelo território francês e suíço.

Podem circular pessoas por esse túnel?

Bom, agora podem. Mas quando o Acelerador estiver a funcionar, não, por causa das radiações. Enquanto a máquina está a ser montada, sim. Usamos umas bicicletas porque a distância é considerável. No final ficará somente com 8 pontos de acesso nos 27 quilómetros de extensão.

E o seu dia-a-dia no CERN, como é?

Como sou engenheiro o meu trabalho é mais virado para o lado prático. E, como estou envolvido na construção da máquina, tenho um horário muito rígido a respeitar e tento segui-lo para acompanhar o trabalho devidamente.



Explicando o funcionamento do bipol e quadripol

Trabalho para uma empresa francesa que faz a montagem dos módulos do Acelerador.

Há outros portugueses a trabalhar no CERN?

Sim, sim. No CERN temos engenheiros, cientistas, técnicos... num total somos aí oitenta. Isto num universo do CERN, que no máximo tem 10.000 pessoas, simultaneamente, nas instalações da Suíça e França.

Todas elas estão implicadas na investigação?

Não, as que trabalham realmente para o CERN são cerca de 2.500, as restantes são investigadores de vários países. Sabe que esta máquina, que agora estamos a construir, é única no mundo. Por isso, seja americano, chinês, russo..., para tentar trabalhar nesta matéria de colisão de prótons, tem que vir para aqui.

Também devem estar atentos à fuga de informação, para evitar que outros países utilizem as descobertas para fins menos pacíficos, não é assim? Os cientistas da “casa” não gostarão de ver as suas pesquisas por mãos de estranhos...

Agora penso que há um pouco mais de cuidado, mas antes, o CERN nem criava patentes dos trabalhos e das invenções. Por exemplo a Internet...



Não criaram a patente?

Não. Mais tarde lá conseguiram que a frase “*A Internet foi criada no CERN*” fosse homologada. De resto, todas as descobertas não têm fins lucrativos.

Quer dizer que não colhem daí quaisquer dividendos?

O CERN é uma Instituição paga pelos orçamentos dos vinte países, onde Portugal está incluído. Estes pagam proporcionalmente em relação ao PIB. A Alemanha que é o país mais rico é que paga mais. Portugal, por exemplo paga apenas 1% do rendimento do PIB. São os países que pagam para desenvolver tecnologias, para que os seus cientistas a usufruam, não tem fundamento procurar fechar essa tecnologia.

É então uma Instituição fundamentalmente virada para melhorar a vida da sociedade universal, digamos, é um Pólo de paz porque não tem objectivos militares. É isso?

Sim, é isso. É um laboratório de pesquisa nuclear, porque trabalhamos com núcleos a nível de partículas elementares da física atómica. Nunca houve

Rogério Carolino Feitor

investigação para fins militares mas, de qualquer maneira, sendo um laboratório enormíssimo não se pode evitar que haja investigadores que venham ao CERN procurar uma tecnologia que, depois, vá ser usada para fins belicistas.

Imagine! E se se descobre, na prática, a **Partícula Elementar**? Creio que vai ser uma revolução, não só a nível científico como vai questionar todas as ciências: a Filosofia... Quando se classificar alguém a nível qualitativo, sabendo que toda a matéria vem desta partícula! ...Chamam-na: a **Partícula de Deus**.

Vão questionar a criação da Humanidade?

Pelo menos vai levar a ciência muito próximo do **Big Bang**, a explosão que deu origem ao Cosmos, ao Universo.

Na obra de ficção “Anjos e Demónios” de Dan Brown, o CERN aparece no cenário do enredo e algumas personagens são cientistas desta Instituição. Tudo gira em volta de uma descoberta: a antimatéria. Existe a antimatéria?

Existe sim. Não é ficção científica é algo que existe mas é muito instável. Ou seja vive muito pouco tempo. Imagine um próton, uma partícula que tem uma carga positiva; a antimatéria é o antipróton, partícula com a mesma massa mas que tem carga negativa.

Agora o que nós temos no CERN são grandes reservatórios a uma temperatura muito baixa, onde a antimatéria é criada através de explosões de partículas. Essas partículas resultantes da explosão são desviadas e colocadas nos reservatórios. As partículas ao entrarem em contacto com as antipartículas desaparecem. Temos uma força no reservatório que impede que elas toquem nas paredes.

É impressionante esse comportamento das partículas...

A Terra gira, a Lua gira, são movimentos fundamentados através da física. Leis de forças. Essas forças gravitacionais que existem no Universo, existem não só para a Terra e o Cosmos mas também para as mais ínfimas partículas. Elas estão submetidas às leis universais e nós preocu-





Montagem do LEP

pamo-nos em equilibrar essas leis. É a Física e a Engenharia a unir esforços.

Como é que enveredou por esta profissão? Sempre quis ser engenheiro?

Sempre quis ter um trabalho ligado à informática ou à engenharia.

Daí estar no lugar certo e com linhas bem definidas para o futuro...

Eu gosto muito de ciências. São coisas exactas. Nada subjectivas. Sou uma pessoa racional e quando andava na escola apercebi-me que tinha mais jeito para estas matérias. Temos que estudar e decorar também, mas são temas que têm uma lógica inerente: dois mais dois são sempre quatro. Enquanto que na Filosofia, na História há mais deduções e variantes de formas, de estilo enfim... A Matemática é exacta.

De que zona de Portugal vem?

Da Estremadura. Sou de Lisboa. Nasci em Benfica.

Parece que já se adivinha a simpatia clubística, e ela vai para.....

(risos) O Benfica. Joguei voleibol, no Benfica, durante 14 anos.

Estudou onde?

No Instituto Superior Técnico. Depois trabalhei em vários postos: na Carris, Na *Sorefame* da Amadora, numa empresa de compressores sueca a *ATLAS COPCO* e numa empresa suíça.

Finalmente comecei a achar que Portugal não era o país mais indicado para se progredir na carreira. Diga-se que gosto muito do meu país, mas desejava ter uma experiência no estrangeiro. Surgiu a oportunidade com este contrato e não hesitei.

Tem-se a noção de que Portugal não apoia os nossos “cérebros”. Partilha desta ideia?

Não apoia não. Existem diversa declarações de intenções, existem, se calhar, conhecimentos sobre o porquê disso acontecer, sabem a causa... só que depois não existe vontade. É pena!

Por exemplo, Portugal e Espanha entraram no CERN um ano antes de entrarem na União Europeia e o CERN, inteligentemente, acho, resolveu dar algum dinheiro, e também a UE, para que os dois países desenvolvessem infra-estruturas, formassem pessoas para depois virem aqui trabalhar e desenvolverem-se cientificamente. Criaram uma Bolsa de Investigação o chamado ADI (Agência de Inovação) que coloca recém-licenciados aqui no CERN para ganharem experiência com o objectivo de, no

Rogério Carolino Feitor

regresso, desenvolverem essa mais-valia em Portugal. Só que depois quando chegam ao país não há continuação. Eu não passei por aí, mas, colegas meus deparam-se com essa situação e é frustrante, não é?

Realmente é frustrante verificar que pessoas qualificadas sejam preteridas por outras sem qualquer qualificação e até com menos capacidades mas que, apoiadas politicamente ou familiarmente, são colocadas em postos de trabalho desajustados com a sua formação e depois é que se vê. Grassa a má gestão, a incompetência, a irresponsabilidade...

Sim, eu até diria que não se devia só dar formação aos trabalhadores mas também aos patrões. Explicar-lhes que ao utilizarem uma pessoa com formação e experiência no país e no estrangeiro seria uma mais-valia para a empresa. Todos ficavam a ganhar.

Mas a maioria das grandes empresas são do Estado e por isso os gestores/patrões pouco se interessam pelo desenvolvimento do país. Olham-nas como cavernas de Alibabá para saquearem... Enquanto não mudarem as mentalidades, nada feito...

E agora sobre as relações mais familiares. Tem filhos? Tem aqui a família?

Não tenho filhos e não tenho aqui família. vim para aqui sozinho. A minha companheira, é suíça, trabalha em Genebra.

Como há pouco disse que gostava de Portugal, vai lá muitas vezes?

Agora menos. Mas, no entanto, vou lá três a quatro vezes por ano.

A sua idade, não é segredo?

Tenho trinta anos.

Um jovem com tanta vida pela frente e com tantas capacidades ainda o vamos ver um dia Director do CERN. E já agora, os cientistas, aqui, são pessoas de trato fácil ou andam envolvidos em capas de arrogância?

Enfim!... Sabe que no CERN existe uma disputa entre os engenheiros e físicos.

Existe uma hierarquia e os graus hierárquicos superiores são ocupados geralmente por físicos. Por exemplo o Director do CERN tem que ser sempre um físico, não pode ser um engenheiro. E o problema dos físicos, e talvez o de muita gente, é serem pessoas muito egocêntricas. No fundo procuram o conhecimento, muitas vezes só para terem a fama, a glória da descoberta.

São pessoas que mesmo não sabendo do que estamos a falar gostam de dar uma opinião. Muitas vezes isso é negativo para o trabalho de colaboração.

Existem "Prémios Nobel" de física a trabalhar aqui, actualmente, mas se os físicos já são egocêntricos, então os "Prémios Nobel" têm um *ego* muito superior, é quase impossível aproximar-se deles. Alguns são mesmo excêntricos, parecem sempre meio perdidos.

O Prémio Nobel, mesmo reformado, mantém o seu escritório, o seu local de trabalho.

Sabe que o mundo dos físicos é muito competitivo. Por exemplo nesta descoberta da Partícula de Deus estão vários implicados, se calhar até de várias nacionalidades, e travam entre eles uma competição. O que descobrir primeiro ganha o *Nobel*, apesar de todos colaborarem. Mas não há nada a fazer com eles, é assim. Há uma história anedótica que corre aqui no CERN dum *Nobel*



chinês que estava em competição com um físico holandês na descoberta de uma substância.

A experiência do holandês, apesar dos mesmos cuidados que o chinês aplicava, estava a correr mal. Pensou-se em sabotagem. Colocaram câmaras de vídeo para ver o que se passava na ausência do pessoal de apoio e descobriram que, todas as noites, quando o pessoal se ausentava, o físico chinês, ia ao local da experiência e urinava para cima dos cabos eléctricos. Isto demonstra que são quase crianças, invejando o brinquedo do outro. Os génios têm destas reacções.

Os engenheiros são mais práticos, sucintos e racionais, é isso?

Nós temos uma formação mais restrita num determinado campo que eles não têm. Depois o problema é que se metem no nosso campo e como são nossos superiores hierárquicos, por vezes, chegam a influenciar o nosso trabalho e, às vezes de uma maneira perigosa.

Há muitas pessoas com fé?

Sim. Como lhe disse o nome da partícula que estamos a criar chama-se Partícula de Deus. Não há correntes religiosas, isso sim. Sendo uma Instituição paga pelo orçamento dos vários países que dela fazem parte, também existem

muitos países colaboradores como a Rússia, a China, o Iraque, o Irão... Eu vejo cientistas que creio serem muçulmanas, porque estão cobertas, mesmo no trabalho.

Há grande percentagem de mulheres a trabalhar aí?

Não, não é muito grande. Eu não diria que há discriminação sexual, digamos que, neste ramo de ciências ainda há mais homens que mulheres.

As mulheres podem ter outros objectivos...

Há muita pressão entre os físicos. Eu já conheci mulheres físicas que casaram com físicos e os maridos obrigaram-nas a não trabalhar mais. Há uma certa pressão ou repressão sobre a mulher.

O CERN, como Pólo de investigação, deixaria de existir havendo um desmembramento da EU? A política não influencia?

Não, e há gente que diz, como o caso de Portugal e Espanha que entraram antes de entrarem na Comunidade, que se calhar a influência vai antes ao contrário. Colaborando com o CERN têm as portas mais abertas para entrarem na Comunidade Económica.

Rogério Carolino Feitor

Quais são outras descobertas revolucionárias desta Instituição?

Por exemplo a nível de tecnologia o CERN trabalha muito com campos magnéticos e essa tecnologia utiliza-se para exames de ressonância magnética às pessoas.

Também não fez patente?

Também não fez patente (risos). E, neste caso, ainda bem. Houve também a Internet, como já foiquei e depois fornece máquinas a cientistas que

Quando entramos na Universidade apercebemos que quando um elevado número de pessoas vai ter formação científica, requer-se uma grande organização. Pois com o CERN é assim também. Uma grande organização, desde os clubes de debates não políticos, clube de xadrez no qual o nosso melhor jogador é um russo que trabalha na Instituição e a nível mundial pode ser cotado no top. dos 10 melhores. Há clubes desportivos: ténis, atletismo (com competições anuais), de squash por exemplo, onde eu estou inscrito, também com uma competição anual. Existe um clube de fotografia com um laboratório fotográfico,



desenvolvem teorias que podem ser aplicadas em muitos campos; a nível de GPS, por exemplo.

Uma vez que os engenheiros são um grupo mais unido do que o dos físicos, têm instalações para lazer?

onde passo algum tempo pois gosto deste passatempo. Há campos de futebol que quase, obviamente, são geridos por portugueses, são os mais fanáticos do futebol. Também o Movimento de Opinião, onde se expressam opiniões pacíficas... Sabe que Einstein criou o Manifesto com o filó-

sofo inglês Bertrand Russel no qual se diz que os cientistas deviam evitar trabalhar para fins militares, só para fins pacíficos e aqui existe um Movimento ligado a esse Manifesto.

Se um leigo quiser visitar o CERN, como deve proceder?

As instalações são em Meyrin (Suíça) e em Prévessin (França). Em Meyrin existe um museu, logo à entrada, com informações e mostras de experiências e uma explicação sucinta e concreta de tudo o que se passa no CERN bem como a sua história. Por mês há um dia temático. Está sempre aberto, inclusive ao fim-de-semana.

A Federação Helvética ofereceu ao CERN o *Palais de l'Equilibre* que foi exposto na *Arteplage* de Neuchâtel aquando da Expo Suíça 2002. Neste Globo da Ciência e da Inovação – símbolo do desenvolvimento contínuo – realizam-se exposições temporárias. Agora, há uma dedicada a Einstein. Faz 100 anos o “ano estupendo” que ele teve quando elaborou cinco teorias que revolucionaram as ciências.

Para os 50 anos do CERN (o ano passado), houve dia de portas abertas com visitas organizadas.

Mas agora há circuitos organizados a certas zonas que são exemplificados e informados no museu. É bom que se comece a dar importância ao CERN. Saber o que lá se passa. Muitos questionam-se se o Instituição tem fundamento. Mas é da máxima importância para o progresso da ciência e neste momento crítico é necessário dar a conhecer às pessoas o que lá se faz. Vejam que é um Pólo de progresso não um sorvedouro de orçamentos.

Mas há detractores da investigação?

Os orçamentos estão periclitantes. Sabe que com esta nova máquina de acelerar protões,



precisamos mais energia e para tal precisamos fazer campos magnéticos, onde utilizamos tecnologias dos supercondutores.

O que é isso de supercondutores?

Por exemplo, a electricidade passa por cabos, fios de cobre e níquel, que, à partida, são bons condutores, mas têm sempre uma resistência e essa resistência vai transformar-se em calor. Os fios ficam quentes quando passa a corrente e o rendimento não é 100%. Digamos que no super-condutor não há resistência nenhuma. O problema é que os materiais dos supercondutores só trabalham a temperaturas muito baixas, segundo os físicos. Por causa dessa ideia, os engenheiros tiveram de descobrir o material e a forma como arrefecê-lo. São de uma liga de nióbio e titânio, necessários em grandes quantidades. Ora são 3 grandes fabricantes europeus que estão a produzir para o CERN e, aí há dois ou três anos, aumentaram muito os preços. O CERN, por causa disso tem um grande buraco financeiro. Sacrificou-se muito e ainda está a fazê-lo, para conseguir acabar a máquina.

Rogério Carolino Feitor

Além do mais há crise económica em vários países, até nos mais ricos, como a Alemanha, França... e daí surgirem pessoas a colocarem em dúvida o orçamento para o CERN.

Mas os países e organizações deviam estar mais sensibilizados para estes problemas...

Se estabelecermos um paralelismo, vejamos o que aconteceu com o desmoronamento da União Soviética. Muita instabilidade, crise económica, falta de orçamentos para a investigação logo os laboratórios de investigação nuclear desapareceram, cientistas sem conseguirem finalizar trabalhos, investigação estagnada... os “cérebros” emigraram para outros países.

Que elementos fazem parte da Administração do CERN?

Um Físico (Director Geral) e representantes dos 20 países que contribuem com o orçamento para o CERN.

Tem projectos para o futuro?

Voltar a Portugal. O aspecto positivo do CERN é ser um local de trabalho colectivo entre vários países. Não um trabalho com fins lucrativos mas de formação e experiência, tendo como objectivos progressistas, digamos, desenvolver a ciência. Logo gostava de voltar para Portugal e trabalhar talvez numa Instituição que tivesse como objectivo o progresso social e político.

Se um dia regressar vai deparar-se com os tais entraves e compadrios e se se quiser manter a independente vai ser muito difícil. Está filiado politicamente?

Eu estou filiado, mas não faço propaganda política no local de trabalho.

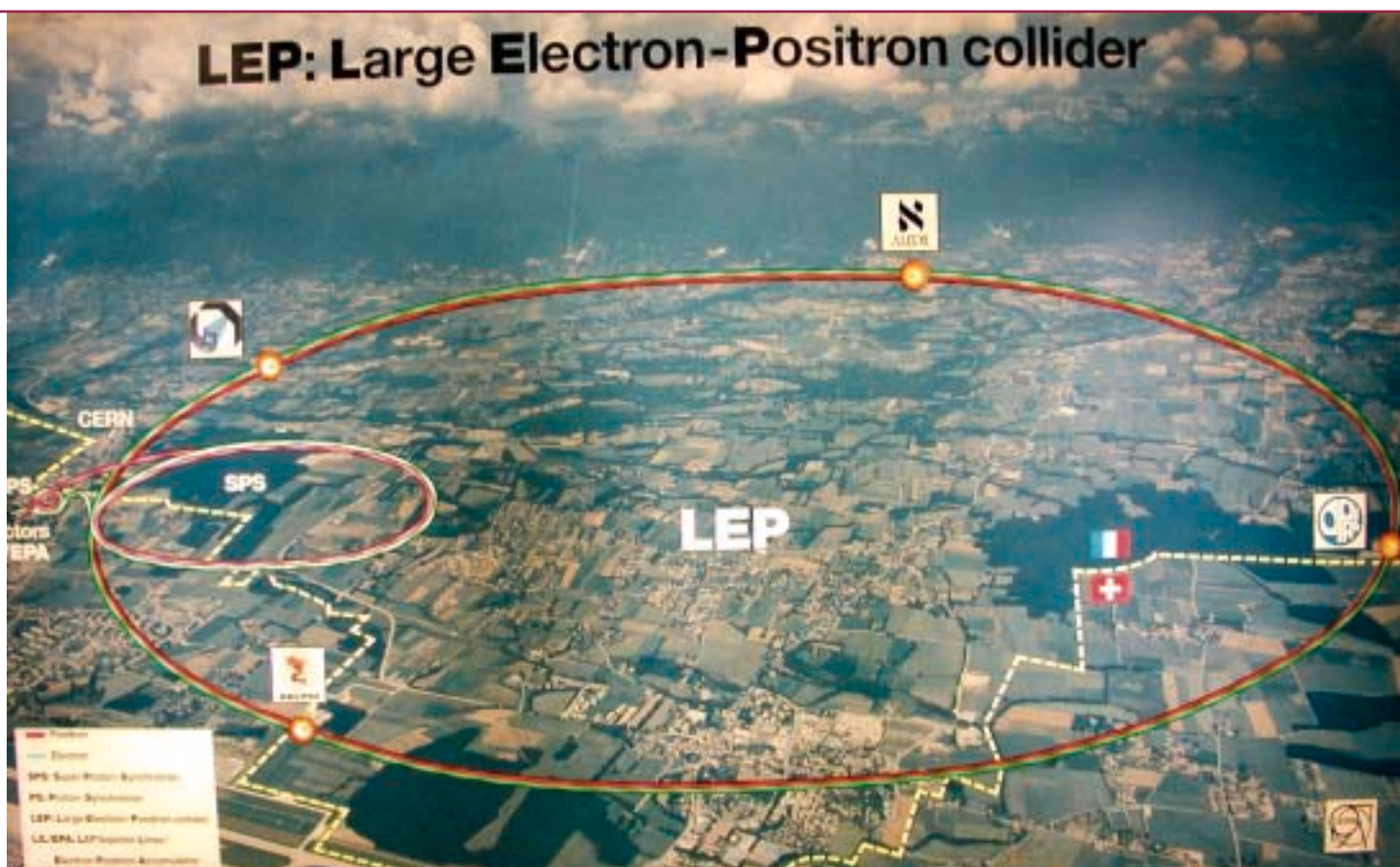
Política, então, à parte. Sabemo-lo um homem apostado em fazer algo pelo desenvolvimento social e humano, no país e na comunidade. Está bem integrado?

Sim, mas gostava de estar melhor. Como a comunidade portuguesa já é muito forte no CERN, muitas vezes, passo lá grande parte do tempo. O que eu vejo, e não sei se será típico de todas as comunidades, é que os portugueses fecham-se muito, vivem centrados nas associações portuguesas não se preocupando muito com conhecer outras comunidades estrangeiras e desenvolverem-se mais culturalmente.

Digamos que eu não queria estar filiado nesta ou naquela associação como se estivesse em Portugal e frequentar só esse círculo de pessoas. Quero ver e ter a noção de uma comunidade *in loco*. Mas como, com o passar do tempo, começo a sentir nostalgia do país. Começo a participar mais em actividades da comunidade.

Que actividades?

Como gosto muito de cinema, continuo a fazer críticas de filmes para um jornal semanário. Um dia consegui fazer, aqui em Genebra, uma exposição de fotografia. Numas férias de Natal fiz um trabalho de esclarecimento à comunidade e inserida nas comemorações da Associação Democrática dos Trabalhadores Portugueses de Genebra e realizei outra exposição de fotografia. Faço trabalho numa associação política. Represento um Partido em Portugal. Estou envolvido nas lutas pelas melhores condições da comunidade portuguesa.



Esquema da superfície ocupada pelo Grande Acelerador de partículas (LEP) e instalações do CERN

Verifica, então, que há um trabalho de sensibilização política a fazer, na comunidade?

Há sim. Podemos dizer que às vezes contacto emigrantes que nem sequer têm consciência da sua situação e continuam empedernidos recusando a mudança.

Somos uma emigração com certos problemas que não resolvemos. Viemos para aqui com objetivos definidos, porque em Portugal não conseguíamos atingi-los: ter casa, emprego, ter carro, viajar, criar os filhos, arranjar reforma.... E acontece que estamos mais mentalizados para isso do que para dar boa formação aos filhos, sabemos que há uma percentagem reduzidíssima daqueles que emigram com o objetivo de formar e educar os filhos. E no fundo, a nossa comunidade também tem o problema da língua.

E no CERN qual a língua que prevalece?

Aquilo é quase um retrato da sociedade. Parece que existem três classes. Físicos e engenheiros e técnicos superiores é o inglês; técnicos e operários é o francês; pessoal auxiliar expressam-se nas dos respectivos países.

Tem um trabalho que gosta e ao qual se entrega com ânimo e, pelo que nos foi dado ver, os tempos de lazer são preenchidos com actividades e descobertas do mundo e da sociedade que o rodeia. O Engenheiro Rogério Feitor é um homem de acção?

Tento, enfim, ser como um homem do Renascimento. Não circunscrever o meu universo à Física e à Matemática mas abranger tudo o que se relaciona com o ser e com a natureza.

António Pinheiro e Luz Neto

A Severa

Quando se iniciaram as emissões de televisão as primeiras pessoas a adquirirem os respectivos aparelhos foram as de melhor nível de vida. Na minha família não se fugiu à regra. A primeira pessoa a ter televisão em casa foi um tio a quem chamávamos o “tio rico”, em virtude do seu nível de vida ser bastante superior ao dos outros familiares.

Naquele tempo a maior parte da família concentrava-se na mesma freguesia, em ruas próximas.

O “tio rico” vivia numa moradia, em cujo quintal se situava uma garagem onde guardava os seus dois automóveis, e uma outra, maior, adaptada a casa de jantar e sala. Era nesta – local de visita de toureiros e futebolistas – que se encontrava o televisor, objecto venerado pelos que convergiam, à noite, para as imperdíveis emissões.

A maior parte dos assistentes era constituída por mulheres; para elas os melhores programas eram os de fados.

Noite em que houvesse programas da canção nacional era enchente certa, e usual alguém exclamar:

- Isto é que são programas!

E logo outra opinião:

- Os melhores são aqueles em que entra a Amália.

Nunca houve ninguém como ela!

Havia contudo quem opinasse que superior a Amália tinha sido a Severa, segundo o que sobre esta tinham ouvido dizer a pais e avós.

Mas afinal quem foi a Severa¹?

Maria Severa Honofriana nasceu em Lisboa, no Bairro da Madragoa, em 1820. Era filha de Ana Gertrudes Severa e de Severo Manuel de Sousa. Sua mãe era proprietária de uma taberna na Madragoa e tinha por alcunha a “A Barbuda”, tal a quantidade de barba que tinha na cara e que tentava, por vezes, disfarçar com um lenço.

A Severa chegou a morar na Travessa do Poço da Cidade, tendo posteriormente mudado, definitiva-



mente para a Rua do Capelão, na altura frequentada principalmente por muitos marinheiros.

Popularizou-se pelo canto do fado mas a fantasia popular deturpou a sua vida, inventado coisas mirabolantes a seu respeito.

A Severa era uma rameira alta e graciosa, (totalmente diferente da sua mãe), que cantava o fado principalmente numa taberna da Rua do Capelão. Teve alguns amantes, como o “Chico do 10”, que assassinou o anterior, sendo todavia o mais proeminente o Conde de Vimioso, que se deixava enfeitiçar pela maneira como a Severa cantava e tocava guitarra e que a levava frequentemente às touradas. Ficou célebre o Fado da Severa, fado popular do tipo lamentoso, composto ainda em sua vida, que, na sua versão coimbrã, começa assim:

Chorai, fadistas, chorai, / Que uma fadista morreu.

Hoje mesmo faz um ano / Que Severa faleceu.

Existe também uma peça de teatro intitulada *A Severa*, da autoria de Júlio Dantas, immortalizando-a. Um episódio curioso é o de ela ter recusado as visitas da polícia sanitária quando este iniciou a sua actividade, amotinando, para o efeito, as meretrizes da zona.

Segundo uma lenda, a Severa teria morrido de uma indigestão de borrachos, bem regados com vinho, de que era, aliás, bastante apreciadora.

Por volta das nove horas da manhã do dia 30 de Novembro de 1846, a Severa faleceu, solteira, com a idade de vinte e seis anos, de apoplexia, na Rua do Capelão. O seu corpo deu entrada no Cemitério do Alto de S. João, nesse mesmo dia, onde foi sepultado em vala, sem caixão, no dia 2 de Dezembro.

Luis Florêncio

¹ *Evocações do Passado*, J.P.Carmo; *História do Fado*, Paulo de Carvalho

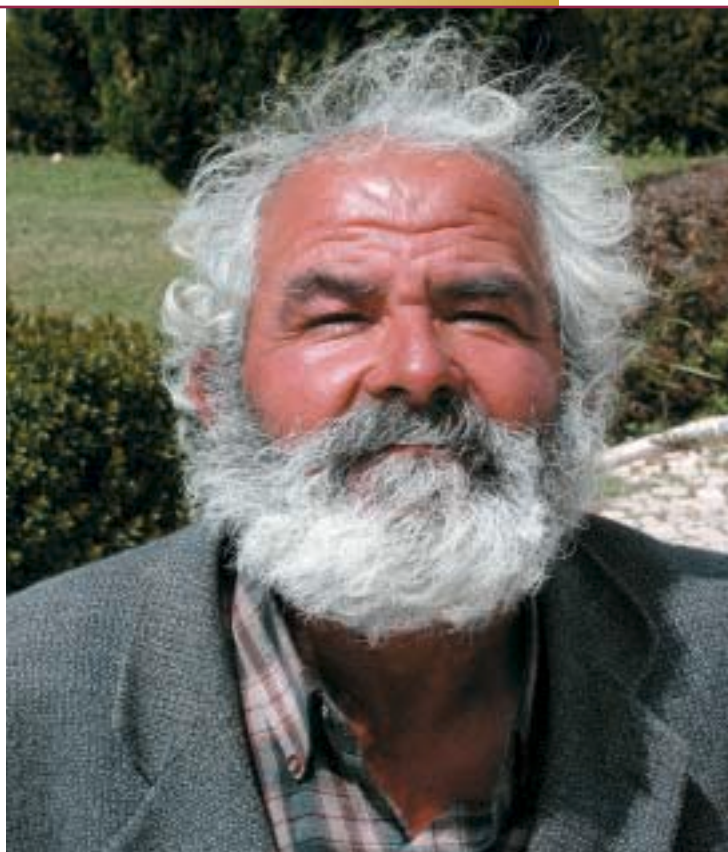
Natal de coisas muitas...

Está à porta. Está à porta de cada um, chegando devagar, no meio do frio destes primeiros dias de Inverno.

Mesmo se uma canção cansada nos diz que “Todos os dias é Natal”, nem todos os dias o sentimos da mesma forma: O Natal dos pobres e o Natal dos ricos, o Natal dos sem-abrigo e o Natal dos que têm tectos a mais, o Natal dos políticos e o Natal dos que sofrem as consequências das decisões dos políticos, o Natal do supermercado e o Natal do cliente, o Natal do operário e o Natal do patrão, o Natal do condutor e o Natal do passageiro, o Natal do bacalhau e o Natal do salmão, o Natal do peru e o Natal do cabrito, o Natal da família e o Natal do solitário, o Natal do crente e o Natal do ateu, o Natal de cada um e o Natal de todos nós.

Mas o Natal está mesmo aí. Com o seu cortejo de saudade e de nostalgia de uma infância passada. Com a pressa de um avião que vai partir para um encontro que tarda em concretizar-se. Com as conversas à volta de um prato quente e com o calor de uma ternura partilhada. Com o sabor de um presente que se espera e com a espera de um sabor sempre renovado.

Por isso tudo, as memórias fazem-se saudade, quando penso no Natal da minha infância. Uma aldeia minhota, entre tantas outras, mergulhada num luar fresco, fresquíssimo, desenhando as vinhas da latada, no chão de saibro. Com a subida lenta da encosta a caminho da casa dos avós, casa quase térrea, com o cheiro das maçãs escondidas na cornija interior da grande sala da família. Sabores da ceia feitos ao rés da lareira e saberes que vinham de longe, de outros tempos,



Que Natal para os sem abrigo?

ainda embrulhados em papel craft. Enquanto que as histórias, da santa noite, tinham um gosto a liturgia, os jogos infantis paravam, todos, na queda de uma rapa de madeira: pouca aventura para tamanha ambição.

Sem qualquer ambição celestial deixava, o Menino, coisas de nada, nos sapatos. Pareciam protegidas na seda de uma desmedida ternura, tal a ansiedade do encontro, na manhã, apenas desenhada. Para maior ampliação do choro ou de uma alegria sem fronteiras, na imensidão de um quintal ou de um caminho de pedras, quando se exibia a grandeza de um presente, totalmente submerso na palma da mão. Grandes eram as mãos de quem oferecia e desmedida a alegria de quem brincava com tão generosa dádiva, vinda do céu.

Mas o Natal de cada um será o que cada quiser; mesmo que a ausência de alguns nos morda a memória e a presença de outros nos ilumine o futuro.

Por isso, ainda hoje o Natal nos oferece tempo para o tempo do encontro, na partilha de lembranças, emoções e sentimentos, anunciando uma pausa na pressa nos dias.

Amar-te

Oh alma minha que te quero
Alma misteriosa que por mim passas
E ficas no meu pensar
Alma singela que de mim te acercas
Para deixares no meu sentir
A dor da minha paixão
A alegria do meu olhar

Oh alma da minha alma
Que de cada vez te vais de mim
Sem que vez haja para o meu desejo
Sempre que partes
Deixas no meu querer
A vontade de te amar e um ensejo
De toda a minha vida te dar

Oh minha doce amada
Alma do meu sofrimento
És o eco do meu pensamento
És o meu sonho de sempre
És o amor impossível na mente
De um tão grande amante

Sofrer assim é amar-te tanto

Odraúde

Ser jovem

Ser jovem é acreditar,
Que o mundo vai ser diferente
E nas bagagens transportar,
Ideais como semente.

Ser jovem é uma força,
Mas não é questão de idade,
É saber que a bonança
Vem depois da tempestade.

Querer um mundo melhor,
É justo, é fundamental
Mas é preciso que o amor,
Saiba ser universal

Começar por explicar,
Tudo isto às crianças,
É a melhor forma de levar,
Mais longe as nossa esperanças.

Edite Correia



Alma da Poesia Portuguesa.

Meu ilustre amigo, meu grande poeta
Meu raio de luz na escuridão.
Eu já não consigo pagar na caneta,
Com a qual compus uma linda canção.

Tentei encontrar um novo motivo,
Para renascer num poeta triste
E quero mostrar que ainda estou vivo,
P'ró mundo saber que o sonho persiste.

Falei com a Lua que só vem de noite.
E, humildemente, pedi-lhe um clarão.
Depois, fiz da rua o meu bom acoite,
E, naturalmente, descansei no chão.

Acordei com frio, acordei com fome,
Acordei com medo de fitar o Sol,
Lavei-me num frio, que já não tem nome
E li, em segredo, versos de Redol.

Almocei sozinho, na mesa vazia.
E comi do nada porque nada vi.
Retomei o caminho da minha alegria
E à alma calada, dei versos do Ary.

Abri a janela dum castelo azul.
E deixei entrar o Sol peregrino.
Segui uma estrela que vinha do Sul,
E fui encontrar a luz do destino.

Na rota dos ventos, depus minha fé.
E guiei meus passos numa linha recta.
Passei mil tormentos mas fiquei de pé.
Estreitando laços dum povo poeta.

Ficou a certeza que ninguém contesta,
Do valor real que tem a magia.
Raça portuguesa, alma sempre em festa,
Viva Portugal, viva a poesia!

José Fernandes Castro

A mes Amis

Amie/e
Lorsqu'un jour
Quelque fois dans le temps
Dans ton besoin tu m'appelleras
Le temps s'arrêtera juste un instant
Juste le temps de me faire un chemin
Juste le temps d'être à côté de toi

Pour ce faire
Je déplacerai les montagnes
Solidifierai les lacs
Le cours des fleuves je changerai
Les océans je viderai
Rien ne m'empêchera
De prendre avec mes mains les vents
Et dans ses ailes voler vers toi

Pour t'aider dans tes chagrins
A côté de toi je serai
Toujours main dans la main
A toutes forces on vaincra
Tout aura bonne fin
Ensemble rien ne nous arrivera

Alors tout se rétablira
Les montagnes se replaceront
Les lacs se liquéfieront
Le cours des fleuves s'en remettra
Les océans se rempliront
Les temps redeviendront ce qu'ils étaient
Le sentiment sera de joie

Mon Ami/e
Lorsqu'un jour dans le temps
Je t'appellerai dans mes besoins
Tu seras avec moi
Tu prendras le même chemin
Main dans la main
Tu me rassureras

Notre amitié est ainsi
Si grande que le monde serait tout petit
Nous sommes tout en un seul
Nous sommes celui en qui nos croyons
Et je crois en toi
Nous sommes ami(e)s
Nous nous aimons

Eduardo

Será bom ter

Inciari um artigo de opinião nem sempre é fácil. As razões são múltiplas e complexas: por um lado a dificuldade na escolha dos temas, por outro o receio de opinar sobre questões que sejam susceptíveis de criar mal estar em pessoas, grupos de trabalho, etc.. Daí que tenha sido levada a reflectir (enquanto me refastelava a gozar o sol deste verão sobre o qual não tenho opinião formada) acerca desta coisa muito séria que é o “emitir opinião”. E cheguei à conclusão, que não me parece modesta como conjectura filosófica, que ter opinião é uma coisa muito séria do que possa pensar-se numa primeira abordagem, para além de ser perigoso, arriscado e muito conseqüente para quem ousa pronunciar-se sobre questões que mexem com valores sociais, questões políticas ou éticas, etc.. Ora vejamos: Numa reunião, as pessoas que emitem opinião arriscam-se, desde logo, a que os presentes

façam recair sobre elas juízos de valor e colocam contra ou a favor das opiniões emitidas por outros. Os que entram mudos e saem calados gozam da vantagem de, sobre eles, não ser emitido qualquer juízo, daí que, na maior parte das vezes, sejam considerados pessoas estupendas, porque quem não se pronuncia não tem opção, não tem bandeira, está sempre ao lado dos gregos e dos troianos, não tem incómodos, não tem maçadas, não se zanga com ninguém, não corre qualquer risco de ser mal interpretado, pela razão ainda mais simples de que não se bate em cães mortos, não se interrompe quem está calado, não se tira a palavra a quem não fala, não se fala de quem não existe, etc. Porém, há gente que não quer, não gosta, detesta emitir opinião, mesmo quando tenha condições, capacidade e conhecimentos para o fazer. Ou seja, há pessoas que não correm o risco de ter opinião pública acerca de nada por-



HORA LUSITANA

*A sua emissão de rádio
em português.*

*Sábados e Domingos 13h / 15h
Genève, 92.2 FM - cabo 98.6*

*Comunicar é a nossa força!
Há 17 anos que em português
nos entendemos!*

Case postale 1111 • 1211 Genève 1
Tel: 022 309 09 58 / 022 309 09 59
horalusitana@radiocite.ch

opinião

que é muito mais cómodo discutir pessoas em vez de ideias, é muito mais interessante e seguro falar em pequeníssimas rodas de amigos de ninharias e banalidades sempre com hipóteses de negar, minutos depois, tudo o que se disse e que passava pelo comentário despidorado e mal intencionado acerca da minha vida, da tua vida, da vida de outras tantas pessoas interessantes que emitem opinião acerca das coisas com desassombro, razão porque se vêem frequentemente de relações cortadas com imensas outras pessoas que não admitem que nem sempre sejam donos da razão total.

Não é nossa intenção discutir aqui se é bom ou mau ter opinião e se se deve ou não emití-la em público. Haverá casos em que as posições divergem, até porque da nossa parte também temos sobre a questão algo a dizer.

Falar por falar, intervir por intervir, muitas vezes apenas pelo desejo de ouvir o som da sua própria voz, dizendo chorrilhos de asneiras é obviamente mau. Não ser verdadeiro e conseqüente também poder ser mau mas pior do que isso é, de facto, não ter ideias ou simular ter sempre uma postura positiva simpática em relação a tudo para estar de bem com todas as correntes de opinião. Isso é pior que ficar calado.

Estou a escrever para uma coluna de opinião. Porque tenho. Mais ou menos simpática para com cidadãos que me lêem ou escutam, mais ou menos arrojada ou mesmo atrevida, tenho, sobre tudo o que acontece, a minha opinião, da qual não prescindo. Mesmo quando sinto que me querem cortar o som, continuo a opinar sem microfone mas com a consciência de que estou a fazer aquilo que devo, ou seja: estou a pensar pela minha cabeça e a dar a minha visão o mais honesta possível das realidades que me cercam. Se isso às vezes incomoda certos cérebros pen-

santes sem grande atrevimento para debitar o que quer que seja sobre o que se passa à sua volta, pior para essas criaturas que têm na cabeça pouco mais que uma disquete para arquivo de rotinas sem valor histórico relevante.

Em minha opinião (e aqui estou a expor-me) sou fã da frase lapidar “ANTES MORRER LIVRE QUE EM PAZ SUJEITO” daí que não vá abster-me nunca de dizer o que penso desde que aquilo que penso não seja para somente o meu sentir, o meu pensar e o meu querer na expressão maior da liberdade que é o meu direito a ser diferente ou complementar do outro. Com esta postura de liberdade interior, aceitando a crítica com modéstia e admitindo que nem sempre a minha opinião é a melhor ou a de maioria, penso estar a prestar um serviço social de valor e, sobretudo, alívio as minhas toxinas e gasto, de forma útil a minha adrenalina.

Quanto aos outros, os que não têm nem adrenalina, só posso desejar-lhes saúde física e mental que baste para terem qualidade de vida compatível com a postura prática e relaxante que assumem perante a vida e os acontecimentos. Por eles, ainda, transcrevo uma frase do evangelho que é profundamente animadora para quem não pensa nem fala: “Bem aventurados os pobres em espírito, porque deles é o “Reino dos Céus”. Já é porreiro, não acham? É que pensando na vida eterna, vejo um vazio muito grande que não chega para sonhar que S. Pedro, na porta grande do Paraíso, esteja a sorrir de orelha a orelha para me garantir um lugar de destaque no Reino de Deus.

E olhem que, em minha opinião, é muito dramático perceber tão pouco do que vai acontecer depois da morte! Enfim...OPINIÕES!

Bern



Suíça é considerada o *château d'eau* da Europa devido à maior parte dos grandes rios europeus nascerem nas suas montanhas. Com as alterações climáticas, talvez nem o “empacotamento” dos glaciares venha evitar a diminuição dos caudais, de qualquer modo o Aare continuará a desenhar meandros caprichosos no *Oberland Bernois*.



É num deste meandros mais pronunciados, outrora densa floresta, que se amontoa uma cidade velha, de graníticas construções, afogando contorcidas ruelas que teimam em irromper entre o casario. Desde 1983, a Unesco inseriu este local no património universal.

Outrora, um tal duque Bertthold V de Zähringen, a conselho dos súbditos, elegeu o local para a construção do novo *bourg* uma vez que ficava perto do seu castelo de Nydegg. O nome de baptismo para a nova cidade seria o do primeiro animal abatido na caçada. Foi um urso (*bär*), dizem crónicas do séc. XV, daí *Bern*. Não seria este a primeira peça abatida, dizem que muitos coelhos e aves o foram antes, mas, um urso sempre dava mais nobreza e, segundo consta o plantigrado retrata bem o carácter dos bernois “*bourrus, têtus, parfois patauds, mais également puissants, solides et terriblement gourmands*”.

O território de Berna expande-se entre os séculos XIV e XVI e hegemonicamente impõe-se porque domina as duas regiões mais férteis que o Aare bordeja. No séc. XV conquista a *Argovie*, anexa a *Gruyère* e o *Pays de Vaud*. E foi esta contínua expansão que levaram os *bernois* a impôr (século XVI) as garras do urso do *Reuss* até ao *Léman*.

A primeira Constituição do Cantão aparece em 1831. Em 1848, Berna fica a sede do Governo Federal da

Confederação Helvética e 1874, 22 países, reuniram-se no edifício, hoje património da cidade – *Zum Äusseren Stand (Zeughausgasse)* – para formarem a União Postal Universal. Também é sede dos Caminhos de Ferro Federais. Escapa-lhe o resto da Administração. O Sistema Federalista Suíço não permite que numa só cidade se concentrem todos os poderes decisórios.

Berna tem cerca de 124.4000 habitantes que orgulhosamente adoptaram a efigie de um urso na bandeira do cantão.

Voltando-nos para a *Berne* típica, com o Novembro a despedir-se encontramos no *Zwiebelmar* (mercado das cebolas) que acontece, anualmente, na quarta segunda – feira de Novembro. Ao amanhecer já há brincadeiras pelas ruas. Os vendedores expõem as cebolas em artísticasostas. Os restaurantes preparam sopas e bolos de cebola. Parece incrível mas as cebolas legram um pouco a sisudez do bernense. Como o Inverno veio para ficar, aprovisionam-se delas para os *röstis*. Se se perguntar a um suíço alemão qual é o prato típico da Suíça, responde, sem hesitar, que é o *röstis* e sem delongas passam-nos a receita “*peler les pommes de terre légèrement farineuses, cuire une première fois et les émincer oules râper. Les faire dorer dans une poêle, avec de la graisse chaude. Y ajouter des oignons frits, lardons grillés, voire du fromage ou des champignons et les servir avec un œuf sur le plat*”. E com isto estamos mais fortalecidos para o nosso passeio. O Inverno com ele milhões de luzes que tornam a cidade irreal atingindo o máximo encanto em *Münsterplatz*.



Em épocas natalícias, este local torna-se ponto de visita obrigatório. É célebre pelo templo gótico suíço de São Vicente a que todos chamam Catedral. Ostenta o mais alto



pináculo do país – 100 metros – e a soberba construção foi acabada em 1893. O pórtico principal, obra de *Erhart Kűng*, representa o Juízo Final. É do cimo da sua torre que abarcamos Berna antiga, medieva até na cor ocre do casario. Perto a praça do casino é outro lugar de repouso. Mas o ponto de partida das excursões geralmente é a estação de Caminhos de Ferro, actualmente a engalanar-se com a sua aerodinâmica cobertura. Logo à saída desta temos a *Heiliggeist-Kirche* – Igreja do Santo-Espírito, de traça barroca, finalizada em 1729. Na *Bärenplatz*, ali junto, reúne-se um sem número de cafés e *bistros* típicos oferecendo um menu convidativo. Ao lado, a *Bundesplatz* (Praça do Parlamento), por ocasião dos 700 anos da Confederação foi revestida de polidas lajes de granito e embelezada com 26 repuchos de água – alegoria aos 26 cantões suíços – que, com jogos de luzes, cores e música, fazem uma coreografia imperdível. Distinto e majestoso ergue-se, em frente, o palácio do Parlamento. A construção foi inspirada na Renascença Italiana. Coroado pelas três cúpulas esverdeadas, destaca-se, de longe na paisagem citadina. Atrás, na zona que bordeja o *Aare* pode apanhar-se o funicular do *Marzili*, atravessar a ponte de *Kirchenfeld* e estamos no dito “campus” museológico da cidade na *Helvetiaplatz*: *Musée alpin suisse* – história do maciço suíço – nada menos que 60% do território helvético – apresentação de altos relevos dos principais cumes (Cervin, Jungfrau...) e vales alpinos. Ao centro pontua a maqueta do *Oberland Bernois Bernisches Historisches Museum* – Museu da História de Berna – Todo o conteúdo de riquíssimo valor histórico é apresentado em colecções que englobam temas como: numismática, Pré-História, etnografia, tapeçaria... Este monumento de estilo Neo-Gótico requer visita obrigatória. Museu da Comunicação – instalado em modernas estruturas, ali faz-se o percurso da história da Comunicação através dos tempos; desde os sim-

ples sinais de fumo até às mais apuradas redes satélites. É também um local de exposições temporárias.

Museu de História Natural – É considerado um dos museus mais importantes da Suíça.

Encontramos várias colecções que nos descreminam temas como mineralogia, geologia, paleontologia, fauna e flora. São riquíssimas colecções que preenchem este espaço do rés-do-chão ao 3.º andar, este mais consagrado às pedras preciosas. Para gastar outros momentos, mas desta vez ao ar livre podemos continuar pelo vizinho Jardim Zoológico, onde a fauna europeia está totalmente representada.

Se se não optar pela visita aos museus, podemos retomar o périplo pela *vielle-ville*.

Aproximamo-nos da *Zeitglockenturm* (Torre do Relógio), ponto de concentração de turistas e artistas de rua. Os relógios astronómicos de um dourado resplandecente, ocupam a quase totalidade da superfície mural. O carrilhão tem a particularidade de, quatro minutos antes de cada hora, explodir em sons que animam um desfile de figuras que vão desde o galo, ao palhaço, ao leão, ao tigre e até o deus Cronos, enfileirando o cortejo ritualizado desde 1530. Continuando pela *Kramgasse*, ladeada de construções floridas, artisticamente conservadas onde o comércio prospera debaixo de arcadas contínuas.

Em frente destas, aparecem os famosos rectângulos de madeira encaixados no pavimento. Não são mais que a porta/alçapão que dá entrada para as caves das casas onde,



Bern



nestas, encontramos boutiques, pequenos teatros de marionetes ou simplesmente depósitos de mercadorias. No prédio n.º 49 há sempre movimento de visitantes. Nele viveu (1902 a 1909) *Albert Einstein*, segundo andar, aí redigiu a famosa Teoria da Relatividade, enquanto dava aulas privadas de Matemática e Física e trabalhava na emissão de *brevets*. Mais tarde será Prémio Nobel da Física. Podemos entrar para olhar alguma documentação no seu quarto e secretária. Não devemos passar indiferentes pelas fontes encimadas de esculturas que pontilham as ruas da parte velha da cidade e então as de *Kramgasse* são artisticamente notáveis. Atravessando, bem lá ao fundo, a ponte de *Nydegg*, vamos encontrar a zona dos animais símbolos de Berna, os ursos, que por sinal continuam gulosos e bem nutridos. Segue-se o jardim das rosas, outro ponto predilecto dos bernenses.

Se até aqui o percurso retratou a Berna medieval, não podemos abandonar a cidade sem bordejar as margens mais afastadas do *Aare* e terrenos circundantes, onde bairros modernos irrompem bem enquadrados no meio ambiente.

A cidade moderna espalha-se, hoje no belo Estádio da Suíça (Wankdorf), de linhas futuristas e elegantemente harmonizadas com o Centro Comercial.

O Centro *Paul Klee*, inaugurado a 20 de Junho, obra de *Renzo Piano*, incute-nos o suave movimento de triplas ondas

desfazendo-se em cascatas de luz no verde luxuriante.

Berna tem razão para festejar: Einstein elegeu-a para viver e nela fazer avançar a ciência; outro filho adoptivo do mundo das Belas Artes, fez o mesmo. *Paul Klee*, nasceu em *Münchenbuchsee* em 1879, parte da juventude passou-a em Berna, efectuando trabalhos temáticos sobre a zona de *Matte*. Interessa-se, ao mesmo tempo pelo estudo de paisagens e montanhas de *Niesen* e meandros do *Aare*, juntamente com as pedreiras de *Ostermundigen*. Foi sempre um crítico irónico da sociedade que reproduzia caricaturalmente.

Volta a Munique em 1906 e solidifica as relações de amizade com os membros do denominado *Blauer Reiter* (Movimento do Cavaleiro Azul): *Wassily Kandinsky*, *Franc Marc*, *Alexej von Jawlensky*. Ensina no *Bauhaus* de 1921 a 23. Foi considerado pelos nazis um artista “degenerado” e por isso perde o seu contrato de trabalho de professor na Academia de *Dusseldorf*.

Regressa a Berna onde passa os últimos anos da sua vida, morreu em 1940.

A cidade de Berna honrou-o, este ano, com a abertura deste Centro de Cultura e Museu *Paul Klee*. Tempo de Natal! Pensamos em filhoses, rabanadas...mas se decidirmos vivê-lo em Berna vamos ter na ementa os *biscômes* que não são nada mais, nada menos do que pãezinhos decorados com efígies de ursos em açúcar cristalizado.

No Natal lembram-se os amigos e entre os *bernois* e os ursos houve sempre uma relação familiar.

Catarina Reis



PESSOA



Café Littéraire

simplesmente diferente



Brigada Ligeira

Mesmo com o Natal a um passo, mesmo se um Menino vai nascer na liturgia dos católicos, mesmo se nos apetecesse dizer-lhe palavras aquecidas em pinhas e pinhões, vamos falar-lhe de outra coisa, de outros homens, de outros projectos.

Faça toda a resistência possível a este nosso devaneio: opor-se é um acto de sobrevivência natalícia, mas escolher ainda é um acto de cidadania.

Escolha o seu campo, o seu projecto, a sua esperança, a sua raiva, o seu candidato.

Vote!

Não há normas.

Todos os homens são excepção a uma regra que não existe.

Fernando Pessoa

A sorte enviou-me esta citação de Pessoa, nas malhas do correio electrónico. Recebi-a com agrado, aconcheguei-a com zelo, confirmei-a com esmero e aqui lha ofereço: Não há normas. Todos os homens são excepção a uma regra que não existe, disse o poeta. Volte a lê-la para que lhe fique bem gravada no interior da retina. Repita a sua leitura para melhor compreender que, no fundo, no fundo, as diferenças entre os homens são poucas nas palavras e muitas nos actos que cada um pratica. Ofereço-lha, pois. E se a uma coisa oferecida não se olha o dente, a camisola, as calças, as rugas, as mentiras ou os sapatos, mau seria que os discursos que ouvimos e as promessas que nos fazem mais não fossem de que uma aldrabice pegada, para enganar os homens normais que somos todos nós. A política portuguesa oferece-nos cinco senhores, cinco senhores candidatos a Presidente, para que escolhamos um, dentro de algumas semanas. Aqui ficam os seus nomes para que se lembre e se recorde, que não nasceram na Lapónia, não se vestem de vermelho e, da lista dos adereços, nada consta sobre o barrete que cada enfia. Aqui os tem por ordem alfabética: Aníbal Cavaco Silva, Francisco Louçá, Jerónimo de Sousa, Manuel

Alegre e Mário Soares. Em boa fé evangélica, poderíamos acreditar que, no reino dos céus, os últimos serão os primeiros. Só que não estamos no reino dos céus e, para se poder chegar à porta do paraíso, há muitos truques, apoios, dinheiros, alianças, escritos, cartazes, campanhas, compadrios e, se Deus quiser, muitos milagres.

E por falar em milagres, esperamos que um desses candidatos os faça. Que os faça a sério, para que a democracia seja mais transparente e para que a vida das pessoas seja mais digna e confortável; para que as mordomias de alguns sejam definitivamente banidas; para que aqueles que ainda têm medo de falar, recuperem a ousadia da opinião; para que aqueles que recebem uma pensão de miséria, deixem a miséria à porta do passado; para que a verdade seja uma constante da política e a palavra dada tenha foros de honradez; para que a política faça parte das profissões nobres e se assuma como casa de todos os cidadãos; para que, mesmo quando todos os homens sejam uma excepção à regra que não existe, que existam regras de igualdade e de fraternidade. Exactamente como aquelas que pretendemos celebrar, quando o Natal nos bate à porta!

Genève

Consulado Geral de Portugal
 Cônsul Geral – Dr. Júlio Vilela
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
 Tel. 022 791 76 36 Fax 022 791 76 38
 mail@cggen.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Responsável Dra. Graciete Camejo
 Rte. de Ferney, 220 - 1218 Grand-Saconnex
 Tel. 022 798 87 66 / 67 Fax 022 798 87 68
 ensinoge@hotmail.com

Livraria Camões
 Bd. James Fazy, 18 - 1201 Genève
 Tel 022 738 85 88 Fax 022 738 88 37
 camoes@bluewin.ch

Rádio Cité - 92.2 FM /cabo 98.6
 Emissão em Português
 Hora Lusitana - Genève
 A P I C - Association Portugaise
 d'Information et Culture
 Sábados e Domingos das 13.00h às 15.00h
 Tel. 022 309 09 58 Fax 022 309 09 69
 horalusitana@radiocite.ch

Banco Português e Investimento
 R. de Lausanne, 36 - 1201 Genève
 Tel. 022 906 17 90 Fax 022 906 17 93
 www.bancobpi.pt

MILLENNIUM BCP
 R. de Lausanne, 54 - 1202 Genève
 Tel. 022 908 38 48 Fax 022 908 38 45
 www.millenniumbcp.pt

Caixa Geral de Depósitos
 R. de Lausanne 67-69 - 1202 Genève
 Tel. 022 908 03 60 Fax 022 908 03 69
 www.cgd.pt

Crédito Predial Português / Totta & Açores
 Rue de Genève 134 – 1226 Thônex-Suíça
 Tel. 022 348 47 64 Fax 022 349 82 44
 www.totta.pt

Montepio Geral
 R. Terr. du Temple, 9 - 1201 Genève
 Tel. 022 731 58 00 Fax 022 731 58 04
 www.montepiogeral.pt

Lausanne

(ACISPS) Associação do Comércio, Indústria
 e Serviços dos Portugueses na Suíça
 R. Charles Monnard, 6 - 1003 Lausanne
 Tel. 021 312 04 14 Fax 021 312 04 47
 www.acisps.ch - info@acisps.ch

Banco Espirito Santo
 Av. Montchoisi, 15 - 1006 Lausanne
 Tel. 021 614 00 14 Fax 021 614 00 15
 www.bes.pt - emigr@bes.ch

MILLENNIUM BCP
 Pl. Chauderon, 18 - 1002 Lausanne
 Tel. 021 320 99 32 Fax 021 312 46 34
 www.millenniumbcp.pt

S.E.P. VOYAGES
 Av. de Montchoisi 2 - 1006 Lausanne
 Tel. 021 601 08 30 Fax 021 601 08 31
 agence@sep-voyages.com

Sion

Escritório Consular de Portugal
 Chanceler - Rosa Paiva
 Av. du Midi, 7 - 1950 Sion
 Tel. 027 323 15 11/16 10 Fax 027 323 51 11
 mail@cggen.dgaccp.pt

Bern

Embaixada de Portugal em Berne
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
 Tel 031 351 17 73 Fax 031 351 44 32
 mail@sceb.dgaccp.pt

Serviços de Ensino
 Coordenadora - Dra. Madalena Silva
 Weltpoststr. 20 - 3015 Bern
 Tel. 031 352 73 49 Fax 031 351 44 32

Zurique

Consulado Geral de Portugal
 Cônsul - Dr. Simeão Archer Pinto de Mesquita
 Zeltweg 13 - 8032 Zurique
 Tel. 044 200 30 40 Fax 044 200 30 50
 mail@cgzur.dgaccp.pt

Rádio Lora - 97.5 FM - Emissão em Português
 Espaço Português - Zurique
 Sábado - das 15.30h às 17.00h
 Tel. 044 567 24 00 Fax 044 567 24 17
 www.lora.ch - programa@lora.ch

Rádio - Kanal-K - 92.2 ou 94.4 FM
 Emissão em Português
 Espaço Português - Aaral
 Quinta-Feira - das 19.00h às 20.00h
 Tel. 062 834 90 80 Fax 062 834 90 74
 www.kanalk.ch - admin@kanalk.ch

MILLENNIUM BCP
 Wyssgasse, 6 - 8004 Zurique
 Tel. 044 296 60 40 Fax 044 240 50 45
 www.millenniumbcp.pt

ICEP-Portugal
 Zeltweg, 15 - 8032 Zürich
 Tel. 043 268 87 68 Fax. 043 268 87 60
 www.icep.pt - icep@icep.ch

TAP Air Portugal
 Gotthardstr. 56 - 8002 Zürich
 Tel. 043 344 38 88 Fax. 043 344 38 89
 tap.switzerland@tap.pt

Agência de Viagens Félix
 Dubsstrasse 47 - 8003 Zürich
 Tel. 044 450 82 22 Fax 044 450 82 20
 www.agenciafelix.ch

Jornais e Revistas

Boletim Informativo
 Lusitano de Zürich
 Birmensdorferstr. 48 - 8004 Zürich
 Tel. 01 241 52 15

Gazeta Lusófona
 Dir. Adelino Sá
 Postfach 3010 - 6002 Luzern
 Tel. 041 310 06 30 Fax 041 311 02 42
 a_sa@gazetalusofona.ch
 www.gazetalusofona.ch

Guia Info Shop
 Dir. Carlos Lopes
 Wasserfallstr. 72 A - 6390 Engelberg
 Telm.079 432 13 47
 www.infoshoppportugal.com

Luso Anuário
 Dir. Mário Pereira
 Case Postal 459 - 1226 Thônex-Suíça
 Tel. 079 775 62 88
 www.lusoanuario.com
 lusoanuario3@msn.com

Luso Helvético
 Dir. Ribeiro Santos
 Case Postal, 268 - 1030 Bussigny
 Tel. 021 701 95 61 Fax 021 701 95 64
 director@luso-helvetico.ch
 www.luso-helvetico.com

PESSOAS-magazine
 Dir. António Pinheiro
 Case Postal, 1877 - 1211 Genève 1
 Tel. 022 738 85 25 Fax 022 738 88 37
 pessoasmagazine@bluewin.ch

SOLUÇÕES PARA PORTUGUESES RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

O BANCO
DE TODOS OS
PORTUGUESES
ESTÁ ONDE
ELES ESTÃO.



Os portugueses chegaram aos quatro cantos do mundo. E a Caixa está onde estão os portugueses. Seja com soluções de gestão do dia-a-dia, soluções de financiamento ou de poupança e investimento, vamos estar sempre ao seu lado com condições especialmente atractivas. Adira às soluções da Caixa e fique mais perto de Portugal.
www.cgd.pt

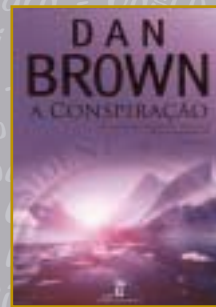
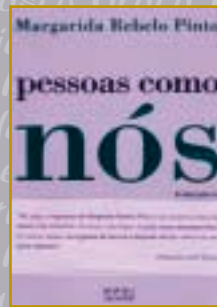
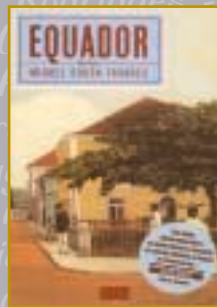


Livraria
Camões



Concretize sonhos!
Ofereça livros!

Os dez mais



Temos todos os manuais
escolares e toda a música
portuguesa disponível
em CD e DVD